

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A construção de Si no seio da família
Percepções de pré-adolescentes

Mafalda Bettencourt da Camara de Magalhães Ramalho Pinto Basto

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A construção de Si no seio da família
Percepções de pré-adolescentes

Mafalda Bettencourt da Camara de Magalhães Ramalho Pinto Basto
Dissertação orientada pela Professora Doutora Rosa Ferreira Novo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)

2015

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, à Professora Doutora Rosa Ferreira Novo. Agradeço a constante disponibilidade e entrega sem igual, a imensa paciência e os conhecimentos transmitidos. Agradeço também o exemplo de profissionalismo e dedicação.

Aos meus pais quero agradecer a transmissão dos valores que me ajudaram a aprender a maneira certa de estar no mundo. Agradeço o exemplo que sempre têm sido ao longo da minha vida.

Aos meus irmãos, por terem sido a minha verdadeira escola de vida, pelas lições de humildade, pela intimidade e pela partilha de alegrias e tristezas.

Ao João, o primeiro da nossa nova escola de vida, agradeço o acolhimento reconfortante das minhas alegrias e tristezas. Obrigado pela generosidade e a paciência, pelo sentido de humor e pelo confronto.

Aos meus amigos, obrigado pela companhia atenta e pelo entusiasmo.

Ao SolSal, agradeço a oportunidade de uma experiência tão rica e a disponibilidade em contribuir para esta tese.

Resumo

O estudo teve por objetivo caracterizar o Conceito de Si e as representações de família, particularmente, a influência das vivências familiares na construção do Conceito de Si em pré-adolescentes.

Para tal, foram estudadas duas amostras de pré-adolescentes de ambos os sexos: uma de participantes ($n = 19$) a viver em contextos familiares de normalidade (CN) e outra de participantes ($n = 12$) em contextos familiares de vulnerabilidade (CV). O estudo foi exploratório e seguiu um desenho transversal de comparação entre grupos. Foram utilizados dois instrumentos de natureza diferenciada: um *self report*, a versão experimental portuguesa da versão para crianças da *Tennessee Self Concept Scale*; e uma prova de cariz projetivo, o *Family Apperception Test*.

A análise de resultados indica que as crianças do CN apresentam um Conceito de Si positivo e equilibrado. Revelam também capacidade para encontrar resoluções plausíveis para os conflitos e para percecionarem os outros como aliados nesses conflitos. As crianças do CV apresentam um Conceito de Si menos positivo e menos equilibrado, particularmente em relação à perceção da sua adequação na interação social (Conceito de Si Social) e do seu valor e competência no contexto escolar (Conceito de Si Académico). Revelam também mais dificuldades em abordar e elaborar conflitos familiares, em encontrar resoluções positivas para os conflitos e em desenvolver expectativas positivas sobre o papel dos outros na sua vida. Respostas com conteúdo raro foram também mais frequentes nas narrativas destas crianças, sugerindo a presença de conteúdos e processos psicológicos que merecem ser explorados pelo valor clínico que encerram. Independentemente do contexto de vida familiar dos participantes, verificou-se uma proximidade entre a forma como as crianças desta idade se percecionam a si próprias enquanto membros de uma família (Conceito de Si Familiar) e o seu nível global de autoestima e satisfação consigo próprias (Conceito de Si Global), sugerindo a necessidade de se sentirem acolhidas na sua família e vivenciarem relações familiares satisfatórias.

Palavras-Chave: Conceito de Si, Representações de Família, crianças em contexto de vulnerabilidade, *Tennessee Self-Concept Scale*, *Family Apperception Test*.

Abstract

The aim of this study was to address the correlation between Self Concept and Family Representation, particularly the impact of family experience in the construction of Self Concept in pre-adolescents.

The study was carried out with two samples of non-institutionalized male and female pre-adolescents from different family contexts: a group (n= 19) from normative family contexts (NC) and another (n=12) from vulnerability family contexts (VC). The work was explanatory and followed a transversal comparative approach combining two different evaluation instruments: a self report, the experimental child oriented Portuguese version of the Tennessee Self Concept Scale, and a projective test, the Family Apperception Test.

The analysis of the data revealed that NC pre-adolescents showed a positive and balanced Self Concept, ability to find suitable solutions to conflicts and a predisposition to perceive others as potential allies in conflict situations, while VC pre-adolescents showed a less positive and balanced Self Concept, particularly in social interaction (Social Self Concept) and in academic value and competence (Academic Self Concept). VC pre-adolescents also showed a comparative difficulty in addressing, foreseeing and finding solutions to family conflicts and in developing positive expectations of others. Maladaptive contents in narrative representations were also more frequent in VC pre-adolescents, suggesting psychological processes worth to be clinically addressed. Regardless of family context, a strong connection between the way pre-adolescents see themselves as members of a family (Family Self Concept) and their global self esteem and self satisfaction (Global Self Concept) was observed, pointing to the need to experience close, stable and nurturing family ties.

Keywords: Self Concept, Family Representations, children in vulnerability contexts, Tennessee Self- Concept Scale, Family Apperception Test.

Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento Teórico.....	3
1.1. Desenvolvimento Psicológico.....	3
Individualidade.....	3
Relações interpessoais.....	5
1.2. Família como matriz do desenvolvimento psicossocial.....	6
Importância da família.....	6
Representações de Família.....	7
Contextos Familiares de Vulnerabilidade.....	10
2. Metodologia.....	14
2.1. Problema.....	14
2.2. Desenho de Investigação.....	14
2.3. Mapa de Investigação.....	15
2.4. Participantes.....	15
Amostra de Crianças em Contexto de Normalidade.....	16
Amostra de Crianças em Contexto de Vulnerabilidade.....	17
2.5. Instrumentos.....	18
Tennessee Self Concept Scale 2 (TSCS:2).....	18
The Family Apperception Test (FAT).....	19
Ficha de Dados Sociodemográficos.....	22
2.6. Procedimentos.....	22
Recolha de Dados.....	22
Cotação de Dados.....	23
Análise de Dados.....	23
3. Apresentação e Análise dos Resultados.....	27
Resultados da TSCS:2.....	27
Resultados do FAT.....	29
Resultados da TSCS:2 e do FAT.....	39
4. Discussão.....	42
Conclusão.....	47
Limitações da investigação.....	48
Implicações para a prática clínica.....	48
Investigações Futuras.....	49
Referências.....	50

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Características demográficas dos participantes por amostra	16
Tabela 2 – Categorias de análise do Family Apperception Test utilizadas no presente estudo ...	24
Tabela 3 – Subescalas da TSCS:2 por amostra	27
Tabela 4 – Frequência de participantes nas três categorias de resultados da TSCS:2 por subescala e por amostra	28
Tabela 5 – Perfis da tendência da distribuição das subescalas por amostra	29
Tabela 6 - Tendência para a ‘Representação do Conflito’ por amostra	30
Tabela 7 – Tendência da ‘Resolução de Conflito’ por amostra	31
Tabela 8 – Categoria ‘Qualidade das Relações’ por amostra: estatística descritiva	32
Tabela 9 – Tendência das ‘Fronteiras’ por amostra	33
Tabela 10 – Categoria ‘Hierarquia Familiar’ por amostra: estatística descritiva	34
Tabela 11 – Tendência da ‘Regulação Parental’ e da ‘Aceitação’ por amostra	35
Tabela 12 – Tendência da ‘Comunicação Verbal’ por amostra	36
Tabela 13 – Tendência do ‘Clima Relacional’ por amostra	37
Tabela 14 – Tendência de ‘Tonalidade Emocional’ por amostra	38
Tabela 15 – Categorias de Cotação Rara por amostra: estatística descritiva	39

Apêndices

Apêndice A – Consentimento Informado

Apêndice B – Family Apperception Test (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Anexos

Anexo A – Tennessee Self Concept Scale 2 (Descrição detalhadas das subescalas)

Anexo B – Apresentação dos Resultados Discriminados

Introdução

O desenvolvimento humano é um processo contínuo no qual a criança se transforma, numa constante interação com o meio onde se cruzam pessoas, objetos e situações e onde as aprendizagens e experiências se vão acumulando (Egeland & Carlson, 2004; Sroufe, Coffino, & Carlson, 2011).

De acordo com Blatt (2011), o desenvolvimento decorre da interação e progresso constante de duas dimensões psicológicas fundamentais, a individualidade e o relacionamento interpessoal. Estas duas linhas de desenvolvimento influenciam-se de forma recíproca e contínua, em transições sinérgicas e complexas, sendo que o progresso de uma facilita o progresso da outra. O desenvolvimento de experiências interpessoais significativas vai então contribuir para a diferenciação e integração de um Conceito de Si maduro e realista que, por sua vez, vai facilitar o estabelecimento de relações interpessoais cada vez mais maduras, íntimas, recíprocas e satisfatórias (Novo, 2000).

A família, destacando-se como matriz principal do desenvolvimento psicossocial da criança (Aldgate & Jones, 2006), é o seu contexto primário e aquele onde as primeiras relações interpessoais vão ser estabelecidas, as relações de vinculação. É a partir destas, e depois das restantes relações familiares, que a criança começa a construir e a desenvolver representações internas (Sroufe et al., 2011), que vão refletir a sua forma única e individual de interpretar e compreender o mundo, os outros e a si própria (Shields, Ryan, & Cicchetti, 2001; Stadelmann, Perren, Groeben, & Von Klitzing, 2010).

Destacando a família como contexto primário de socialização (Alarcão, 2000), este trabalho debruça-se sobre a relação entre as representações de família, nomeadamente ao nível da percepção das figuras familiares e da vida familiar (dimensão das relações interpessoais), e as representações do *self*, designadamente ao nível do Conceito de Si (dimensão da individualidade), em pré-adolescentes.

A construção da identidade constitui a principal tarefa do desenvolvimento psíquico na fase da adolescência (Erikson, 1959; Papalia, Olds, & Feldman, 2009) e, de acordo com o modelo de Blatt, é também neste período que as duas linhas de desenvolvimento se vão integrar e passar a constituir o núcleo de uma identidade consolidada (Novo, 2000). Neste sentido, parece-nos fundamental compreender a forma como estas duas dimensões se relacionam e como se equilibram na fase que antecede o culminar desta progressiva integração, a pré-adolescência. Se este processo de integração não se for realizando ou se o mesmo ocorrer de modo desequilibrado, aumentam os riscos de desenvolvimento

psicopatológico (Blatt, Shahar & Zuroff, 2001 cit. por Shahar, Henrich, Blatt, Ryan, & Little, 2003).

Sabendo que a qualidade das relações familiares contribui para a construção da noção que a criança tem de si própria (Cassidy, 1990; Fontaine, Campos, & Musitu, 1992; Silva & Santos, 2011) e das suas relações com os outros, o nosso objetivo é analisar em que medida contextos familiares fragilizados ou desorganizados podem constituir uma ameaça ao desenvolvimento psicológico. Concretamente, propomo-nos analisar a relação entre as representações de família e do *self* em contextos familiares de vulnerabilidade comparando-a com a que ocorre em contextos de normalidade.

A dissertação está organizada por capítulos, cada um com diferente conteúdo: 1) ‘Enquadramento Teórico’, reflexão dos principais temas em estudo a partir da revisão de literatura efetuada; 2) ‘Metodologia’, descrição do processo metodológico, incluindo o problema, objetivos e desenho de investigação, mapa de investigação, descrição dos participantes, dos instrumentos e dos procedimentos de recolha, cotação e análise de dados; 3) ‘Apresentação e Análise dos Resultados’; 4) ‘Discussão’, discussão do significado dos resultados à luz da literatura; e 5) ‘Conclusão’, incluindo limitações e implicações do estudo para a prática clínica e investigação futura.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Desenvolvimento Psicológico

O ser humano interage com o meio desde o início da sua vida. Essa complexa interação com outras pessoas, contextos e situações influencia todo o desenvolvimento. À medida que se desenvolve, a criança vai progressivamente organizando as suas percepções e criando representações mentais de si própria, dos outros e do mundo.

Estas representações são estruturas mentais cognitivo-afetivas que moldam as expectativas de interações sociais, fornecendo um filtro através do qual a informação acerca de novas situações sociais é processada e influenciando as respostas emocionais e comportamentais dadas a essas mesmas situações (Egeland & Carlson, 2004; Shields et al., 2001).

De acordo com Blatt (2011), a construção destas representações ocorre à medida que a criança se vai desenvolvendo, numa interação mútua, equilibrada e constante entre duas linhas de personalidade fundamentais: a da individualidade ou identidade pessoal e a do relacionalmente interpessoal. Estas duas linhas desenvolvem-se por si mesmas mas influenciam-se mutuamente num processo contínuo, cumulativo e integrativo e por isso o desenvolvimento de uma das dimensões vai facilitar o desenvolvimento da outra.

Quando um importante desequilíbrio ocorre, por ênfase exagerada numa das linhas ou falta de articulação entre elas, o desenvolvimento normal pode ficar comprometido (Auerbach & Blatt, 1996) e aumentar a probabilidade de um percurso psicopatológico (Stadelmann et al., 2010).

Individualidade

As representações que a criança desenvolve acerca de si própria são então centrais no seu percurso de desenvolvimento porque influenciam não só a sua saúde mental como também o nível de bem-estar e a motivação e orientação para agir nas mais diversas situações (Fontaine et al., 1992), dando resposta à intrínseca necessidade humana de possuir uma identidade, de se sentir como pessoa individual e com valor (Gray & Gray, 2001).

De acordo com Auerbach e Blatt (1996), a construção de uma representação positiva do *self* exige que o indivíduo seja capaz de se “observar de fora”, podendo assim refletir sobre si próprio de forma objetiva. Perturbações nesta capacidade estão no centro de dificuldades relacionais e narcísicas futuras, podendo determinar uma trajetória de desenvolvimento psicopatológico. Num estudo longitudinal, Verschueren, Buyck, & Marcoen (2001 cit. por

Silva & Santos, 2011), demonstraram que crianças de 5 anos de idade, com uma representação negativa do *self*, mostravam, 3 anos mais tarde, ser menos valorizadas pelos seus pares, ser menos competentes, ajustar-se de forma menos adaptativa a diferentes situações sociais e estar menos satisfeitas com a sua aparência do que crianças com uma representação positiva do *self*.

O Conceito de Si, parte integrante das representações do *self* (Zaff & Hair, 2003, cit. por Pereira, 2012), corresponde às crenças que cada um desenvolve sobre as suas características próprias, abrangendo a percepção de dimensões diversas: dimensão física (corpo, aparência, estado de saúde e sexualidade); dimensão moral (valor e sentimentos de ser boa ou má pessoa); dimensão pessoal, (adequação enquanto pessoa e avaliação da personalidade como entidade própria e isolada da relação com os outros); dimensão familiar (adequação e importância como membro de uma família); dimensão social (adequação na relação com os outros); e dimensão académica (adequação no contexto escolar) (Fitts & Warren, 1996).

Segundo Blatt (2011), o desenvolvimento da linha da individualidade ou identidade inclui a progressiva construção de um Conceito de Si positivo e realista, a par do desenvolvimento simultâneo das relações interpessoais.

Assim, a progressiva autonomia da criança e o desenvolvimento das suas capacidades de controlo e de gestão da própria vida são alcançadas pelo estabelecimento de relações interpessoais significativas e pela compreensão e respeito das regras e das leis da matriz social (Novo, 2000).

Um estudo de Labouvie-Vief, Chiodo, Goguen, Diehl e Orwoll (1995) sugere que ao longo deste processo de desenvolvimento há variações nas representações do *self* e que a criança tem de passar por diferentes fases de desenvolvimento, cada uma delas importante e influente na fase seguinte, de forma a desenvolver um Conceito de Si positivo e consolidado. Durante a idade pré-escolar, entre os três e os seis anos, as crianças são significativamente influenciadas e moldadas pelas experiências que vivem. A noção que têm de si próprias é positiva, por vezes até exageradamente, e centrada em comportamentos concretos ou características externas a si próprias (Papalia et al., 2009). Com a chegada à idade escolar, e com o aumento das interações sociais próprias desta fase, a criança deixa de ter uma representação tão positiva de si própria (Jacobs, Lanza, Osgood, Eccles, & Wigfield, 2002), passando a ser capaz de se avaliar de forma mais realista (Harter, 2006).

Paulatinamente, a partir de cerca dos 8 anos de idade, a criança começa a ser capaz de fazer e aceitar críticas a si própria, o que permite comparar-se com os outros e comparar aquilo que é com aquilo que deseja ser (Papalia et al., 2009). Esta capacidade de conhecer e

tolerar as diferenças entre si e os outros e entre aspectos positivos e negativos de si próprio vai evoluindo, tornando-se mais flexível em função da maturidade da criança (Labouvie-Vief et al., 1995).

Na pré-adolescência, observa-se ainda o foco nos atributos físicos e na comparação com os outros, mas também a capacidade para valorizar os atributos mentais, i.e., os estados psicológicos, os pensamentos e sentimentos próprios e distintos dos dos outros (Damon & Hart, 1982). A criança começa assim a desenvolver a capacidade de se focar em mais do que uma dimensão de si própria, construindo um Conceito de Si progressivamente mais equilibrado através da integração de diferentes aspectos do *self* (Papalia et al., 2009)

Com a entrada na adolescência, o desenvolvimento de uma identidade autónoma ganha mais importância uma vez que o afastamento progressivo em relação aos pais se torna mais evidente e há uma exposição cada vez maior a novas situações sociais e por isso também a novos desafios. É nesta fase que, segundo Blatt (2011), a integração plena das duas linhas do desenvolvimento ocorre, constituindo o sucesso da tarefa central da adolescência: a construção de uma identidade saudável e harmoniosa em equilíbrio com relações satisfatórias e gratificantes com os outros.

Apesar do impacto contínuo que as experiências vão tendo umas nas outras (Sroufe et al., 2011), é essencial destacar a importância das primeiras experiências de vida e das relações familiares. À medida que a criança estabelece as suas primeiras relações interpessoais e experiencia os seus cuidadores como uma base segura, vai-se tornando capaz de explorar o ambiente que a rodeia, o que contribui para o desenvolvimento de um Conceito de Si positivo e progressivamente integrado, consolidado e realista (Novo, 2000), o que por sua vez vai permitir uma melhoria nas capacidades relacionais e assim sucessiva e simultaneamente (Shahar et al., 2003).

Relações interpessoais

Além da identidade, o desenvolvimento da personalidade depende de relações interpessoais significativas e progressivamente mais maduras e é apenas através da interação dialéctica entre estas duas dimensões que a criança pode crescer e alcançar a maturidade psicológica (Novo, 2000).

Assim como o *self* apenas pode ser concebido quando contextualizado na relação com o mundo (Novo & Silva, 2003), i.e., na relação com os outros, também a relação com os outros só é possível na presença de uma identidade progressivamente consolidada (Novo, 2000).

É na família, contexto primário de socialização da criança, que se estabelecem as primeiras relações significativas entre a criança e os seus pais e irmãos. É a partir da vivência das relações familiares que a criança desenvolve representações internas que vão influenciar o seu comportamento no futuro e as suas respostas perante as mais diversas situações ao longo da vida (Egeland & Carlson, 2004; Shields et al., 2001), na medida em que se estabelecem padrões relacionais repetíveis em relações interpessoais futuras.

A família funciona assim como principal matriz do desenvolvimento psicossocial da criança (Aldgate & Jones, 2006) e por isso, neste estudo, destacamos as relações estabelecidas neste contexto.

1.2. Família como matriz do desenvolvimento psicossocial

Importância da família

O ambiente primordial da criança é a sua família e é neste contexto que vão ser estabelecidos os primeiros laços, nomeadamente as relações de vinculação entre pais e filhos, que se vão mostrar essenciais no seu desenvolvimento futuro.

A qualidade destas relações primárias está intimamente relacionada com o desenvolvimento socioemocional da criança (Stadelmann, Perren, Von Wyl, & Von Klitzing, 2007) e, por isso, também com a sua saúde mental (Stadelmann et al., 2010), sendo mesmo considerada como um dos principais factores de influência no desenvolvimento psicopatológico da criança (Torres, Maia, Veríssimo, Fernandes, & Silva, 2012).

É através das relações familiares que a criança desenvolve a sua capacidade de adaptação, pontos fortes e vulnerabilidades que, não determinando o futuro de forma linear, serão o ponto de partida e influenciarão a forma como vão ser experienciadas diferentes situações no futuro (Sroufe et al., 2011).

Para que as relações familiares sejam equilibradas, devem incluir a proteção da criança e, simultaneamente, promover oportunidades sociais para que esta se confronte com diferentes desafios e aprenda a criar relações seguras, estáveis e afectivas, desenvolvendo-se também intelectualmente (Gray & Gray, 2001).

Quando as relações de vinculação dos filhos aos pais são seguras, a probabilidade da ocorrência de perturbações de isolamento social ou de comportamentos agressivos na criança ou no adolescente é menor (Torres et al., 2012). Relações de vinculação seguras estão também associadas a uma maior capacidade de regulação emocional e comportamental (Contreras et al.2000; Laible & Thompson, 1998; Steele, et al., 1999; Thompson, 1999, cit.

por Shields et al., 2001), permitindo que a criança esteja mais apta a desenvolver relações harmoniosas e satisfatórias com os seus pares (Alarcão, 2000). Para além disso, uma relação de vinculação positiva vai também permitir que a criança se sinta valorizada e segura, influenciando significativamente as representações que desenvolve acerca de si própria (Silva & Santos, 2011) e, por isso, o Conceito de Si.

As relações fraternas têm também um papel importante no desenvolvimento da criança porque influenciam a forma como esta se relaciona e se vai relacionar com os seus pares (Relvas, 1996), incluindo as relações de rivalidade, competição, negociação, bem como a resolução de conflitos e prática da solidariedade (Alarcão, 2000). Todas estas aprendizagens vão permitir que a criança ganhe, de forma gradual, autonomia.

Este processo de autonomização e individualização constitui uma das principais tarefas da família no sentido da socialização dos seus membros com pessoas exteriores à família nuclear e da conseqüente adaptação aos papéis e valores da sociedade a que pertencem. Nestas experiências de socialização, a criança vai desenvolver competências sociais, emocionais e cognitivas que lhe foram transmitidas pela família (Sierra & Mesquita, 2006).

Como referido anteriormente, a família tem também a função de contribuir para o desenvolvimento pessoal da criança, conhecendo e satisfazendo as suas necessidades emocionais e protegendo-a para que esta se possa sentir amada e valorizada e, conseqüentemente, desenvolver um Conceito de Si positivo (Gray & Gray, 2001).

Assim, a experiência familiar deve permitir que a criança se desenvolva de forma saudável, adquirindo um conjunto de competências que vão contribuir para a sua capacidade de lidar e superar com sucesso diferentes tarefas de desenvolvimento em diferentes fases da vida.

Representações de Família

Os laços criados pela criança no seio da sua família, principalmente as relações de vinculação, vão permitir a constituição de um núcleo de componentes centrais que funcionam como plataforma de entrada no mundo dos pares e permitem enfrentar os desafios conseqüentes (Sroufe et al., 2011). São então estas experiências nucleares que vão permitir à criança a construção de representações de si, dos outros e do mundo.

As representações que a criança tem da sua família e do seu funcionamento têm um carácter preditivo no desenvolvimento de sintomas ou forças futuras da criança (Blatt & Levy, 2003; Shields et al., 2001; Stadelmann et al., 2007; Stadelmann et al., 2010).

Estas representações vão então facultar determinados padrões de relacionamento que vão ser internalizados e que terão influência na forma como a criança irá responder, em termos emocionais e comportamentais, a novas experiências sociais futuras (Stadelmann et al., 2010), bem como nas expectativas que terá sobre novas relações e novos parceiros e na definição de papéis sociais tanto para si como para os outros (Baldwin, 1992; Blatt, 1995; Cassidy et al., 1996; Fonagy et al., 1995; Nelson, 1999; Sroufe & Fleeson, 1986, cit. por Shields et al., 2001).

Neste sentido, ao perceber as suas figuras de vinculação como sensíveis e responsivas aos seus sinais, disponíveis, receptivas aos afectos e à partilha de emoções negativas e positivas, bem como facilitadoras e incentivadoras da sua exploração do meio, a criança estará mais propensa a desenvolver uma relação de vinculação segura e uma representação positiva dos seus cuidadores e da relação estabelecida (Bowlby, 1971, 1973, cit. por Gatinho, 2012), sentindo que as suas necessidades são satisfeitas e que tem valor como pessoa, desenvolvendo uma noção de si própria positiva (O'Dougherty Wright & Masten, 2005, cit. por Pereira, 2012; Silva & Santos, 2011; Soares, 2006). Tudo isto permite que a criança seja capaz de se ajustar a situações sociais futuras de forma mais adaptativa, estando mais apta para lidar com situações de conflito e desequilíbrio e para se expressar melhor emocionalmente (Dessen & Polonia, 2007; Barnett, Ganiban, & Cicchetti, 1999, cit. por Dubois-Comtois & Moss, 2008).

Por outro lado, se a criança vê os pais como indisponíveis, rejeitantes ou sem abertura à partilha emocional, como imprevisíveis ou inconsistentes na satisfação das suas necessidades, então a relação de vinculação pode ser dificultada e a representação, da relação e dos próprios pais, pode ser distorcida e negativa (Blatt & Homann, 1992), podendo levar a criança a sentir-se desvalorizada e indesejada (Silva & Santos, 2011) e desenvolver um Conceito de Si negativo. A imprevisibilidade familiar, nomeadamente por parte dos pais, tem também sido associada a uma maior probabilidade da criança vir a desenvolver dificuldades relacionais, problemas de comportamento e dificuldades no ajustamento social e escolar (Ross & Hill, 2000, 2002; cit. por Alarcão & Gaspar, 2007; Shields et al., 2001).

Todavia, as representações de família que a criança desenvolve, e por isso o seu ajustamento psicológico futuro, não dependem apenas da forma como esta percebe e representa a sua relação com cada um dos progenitores mas também da percepção e das representações que desenvolve acerca do seu contexto familiar mais amplo e das relações que se estabelecem com e entre os vários membros da família (Dubois-Comtois & Moss, 2008; Yazici & Tastepe, 2013; Fontaine et al., 1992).

A relação entre os progenitores, por exemplo, tem sido associada direta e indiretamente ao desenvolvimento das crianças (Frosch et al. 2000 cit. por Pendry & Adam, 2013) e a literatura sugere que estas são especialmente vulneráveis à exposição ao conflito interparental (Pendry & Adam, 2013). O impacto destes conflitos, com consequências no desenvolvimento socioemocional e fisiológico da criança (Pendry & Adam, 2013), não é apenas o reflexo do próprio conflito mas sim o resultado da percepção que a criança tem e das representações que constrói acerca do mesmo (Cummings & Davies, 2002; Reyes et al., 2012).

As relações estabelecidas pelos adultos no seio da família influenciam o comportamento e a transmissão dos valores aos filhos. Se as relações são marcadas por respeito, aceitação, escuta e ajuda seguramente as crises que a criança viver no futuro serão ultrapassadas de forma mais adaptativa. No entanto, se as relações entre os adultos forem marcadas por algum tipo de violência, é este o exemplo e por isso é esta a forma de relação que vai ser transmitida à criança como padrão a ser utilizado (Blasco, Merino, Amenós, & Martínez, 2007).

Como em qualquer outro organismo vivo, a mudança na família é permanente (Relvas, 1996), as interações entre os seus membros vão-se modificando ao longo do tempo e, naturalmente, também as regras familiares. Esta mudança ocorre para que a família possa cumprir uma das suas funções básicas, a socialização dos seus membros com o exterior mantendo vivo o sentimento de pertença e de identidade familiar, o que naturalmente vai transformando as representações de família e das relações familiares que a criança tem.

Para que esta tarefa seja alcançada com sucesso é necessário definir fronteiras familiares claras para toda a família que vão regular a passagem de informação e as relações não só entre os vários membros da família como entre a família e o mundo exterior (Alarcão, 2000). Estas fronteiras não devem ser demasiado rígidas mas sim flexíveis o suficiente para que, sem perder a identidade que a caracteriza, a família possa permitir trocas com o mundo exterior, satisfazendo a cada momento as necessidades de cada um dos seus membros (Sotile, Julian III, Henry, & Sotile, 1999). Na fase da pré-adolescência inicia-se um processo de negociação de autonomia entre os pais e os filhos, com o seu auge na adolescência, e por isso as fronteiras devem ser suficientemente flexíveis para que o adolescente possa continuar a sentir-se acolhido e membro da família mas, simultaneamente, se sinta também independente para experimentar com liberdade novos contextos sociais característicos da sua fase do desenvolvimento (Pereira, 2010).

Outro dos factores que contribui para o desenvolvimento da autonomia dos filhos e simultaneamente para o bom funcionamento familiar é uma definição de limites adequada, que compreende a definição de padrões de relacionamento hierárquico estabelecidos entre os

diferentes membros da família. Se a percepção da interação familiar for positiva e a hierarquia for clara e congruente, os pais detêm uma posição de poder face aos filhos mas, se não for clara, este poder pode inverter-se, havendo uma demissão da autoridade parental e um comportamento por parte da criança desadequado (Sotile et al., 1999), uma vez que passa a executar tarefas que não fazem parte do seu leque de obrigações familiares. Dubois-Comtois & Moss (2008) mostraram que as interações familiares em famílias com representações negativas de vinculação eram caracterizadas por esta inversão de papéis entre a criança e os pais e confusão ao nível das regras de funcionamento familiar. A forma como a criança percebe e interpreta estas regras de hierarquia e poder vai obviamente influenciar o seu comportamento perante os outros membros da sua família (Pereira, 2010).

O processo de comunicação utilizado pela família é também um factor importante para um funcionamento familiar saudável. Em famílias nas quais a comunicação é percebida como clara pela criança e em que esta sente que pode expressar ou partilhar o que pensa e o que sente, a sua exploração, organização e compreensão dos seus próprios sentimentos e pensamentos é facilitada (Dubois-Comtois & Moss, 2008). Por outro lado, uma comunicação pobre não vai permitir que a criança desenvolva a capacidade de integrar as experiências emocionais na sua comunicação e vivência futuras (Dubois-Comtois & Moss, 2008).

Em suma, a forma como a criança percebe as diferentes experiências vividas no seio da família, bem como as representações de família e das relações familiares que constrói ao longo do tempo, vão influenciar o seu percurso de desenvolvimento de forma significativa, moldando a forma como vai agir sobre as experiências futuras e como as vai integrar emocionalmente, afectando assim a construção do Conceito de Si e a qualidade das relações que vai estabelecer ao longo da sua vida.

Contextos Familiares de Vulnerabilidade

A palavra vulnerável vem do latim *vulnerabile*, que significa “que pode ser ferido”. Neste sentido, o indivíduo ou família vulnerável é aquele que será mais susceptível “a ser ferido”, aquele que terá uma maior tendência a desenvolver-se de forma negativa e a apresentar resultados indesejáveis (Wright, Masten, & Narayan, 2013), uma vez que a sua capacidade para responder de forma eficaz a situações de crise é menor (Janczura, 2012). Podemos então definir a vulnerabilidade como uma susceptibilidade individual ou grupal que eleva a probabilidade de desenvolver um conjunto de comportamentos não adaptativos, desencadeados e utilizados face a contrariedades do meio, e que podem conduzir a resultados indesejáveis (Pesce, Assis, Santos, & Oliveira, 2004; Wright et al., 2013).

Uma criança pode ser mais ou menos vulnerável dependendo da sua herança genética e dos seus traços de personalidade, por exemplo, mas todas apresentam um factor de vulnerabilidade comum e intrínseco à sua condição de crianças, a necessidade da relação com os adultos para crescer de forma saudável, visto que a garantia do cumprimento dos seus direitos depende em grande parte do cumprimento dos deveres dos adultos (Sierra & Mesquita, 2006). Para uma criança, esta garantia é alcançada através da família, o seu contexto primário, que pode também ser mais ou menos vulnerável, dependendo não só da vulnerabilidade de cada um dos seus membros mas também da existência de vínculos afectivos e relacionais mais ou menos fragilizados (Sierra & Mesquita, 2006).

É assim a família que vai determinar o nível de exposição da criança a factores de risco, influenciando a sua segurança e crescimento saudável, uma vez que a vulnerabilidade presente nas crianças ou na família vai ser desencadeada face a situações de crise (Janczura, 2012), i.e., situações onde estão presentes factores de risco.

Factores de risco podem ser definidos como características individuais ou ambientais mensuráveis que ocorrem ou estão presentes na vida da criança em algum momento e que aumentam a sua vulnerabilidade e a probabilidade de obter resultados negativos (Wright et al., 2013).

Assim, utilizando a definição de Werner e Smith (1992, cit. por Melo e Alarcão, 2009) uma criança em risco é aquela “em cujas trajetórias de desenvolvimento é possível identificar um conjunto de factores de natureza constitucional e/ou ambiental que aumentam a probabilidade de desajustamento ou aparecimento de perturbações futuras”.

De acordo com a Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (CNPCCR), embora as situações de risco impliquem um perigo potencial para a concretização dos direitos da criança, não atingem um grau de probabilidade de ocorrência tão grande como aconteceria numa situação de perigo.

Assim, um contexto de risco implica uma visão alargada no tempo e a existência de um ou mais perigos potenciais para a criança (Melo & Alarcão, 2009). Na ausência de factores de protecção, i.e., em circunstâncias em que a criança se encontra desprotegida face aos perigos potenciais e a sua integridade física e/ou psicológica pode ser afectada de forma grave e imediata, então o contexto deixa de ser de risco para se tornar um contexto de perigo (CNPCCR, n.d.; Janczura, 2012; Melo & Alarcão, 2009).

Podemos referir, como exemplo de situações de perigo, situações em que a criança está abandonada ou entregue a si própria, sofre maus tratos físicos ou psicológicos, é vítima de abusos sexuais ou não recebe os cuidados adequados para satisfazer as necessidades próprias

da sua idade e situação pessoal (Gray & Gray, 2001). Já como exemplos de situações de risco, podemos mencionar a violência intrafamiliar, a exposição ao mundo do crime, da toxicodependência, do alcoolismo ou da prostituição, a existência de doença mental por parte dos progenitores, carências afectivas vividas no seio familiar ou condições de vida precárias, marcadas pela existência de graves dificuldades económicas.

Situações de risco vividas no início da infância continuam a ser um preditor significativo de problemas de comportamento no futuro (Benavente, Justo, & Veríssimo, 2009), mesmo quando esse risco é controlado durante o desenvolvimento e crescimento da criança (Sroufe et al., 2011). O crescimento num contexto de violência intrafamiliar, por exemplo, foi associado ao desenvolvimento de relações de vinculação e representações internas negativas (Stadelmann, Perren, Groeben, & Von Klitzing, 2010; Torres, Maia, Veríssimo, Fernandes, & Silva, 2012; Dubois-Comtois & Moss, 2008) e, conseqüentemente, a uma maior tendência para desenvolver sintomas psicopatológicos (Halpern, 2004; Slee, 1996, cit. por Stadelmann et al., 2007). De facto, a forma como a criança percebe a família e as relações que tem da família e das relações familiares têm sido vistas como o mecanismo-chave para compreender e prever o desenvolvimento de vulnerabilidades ou forças futuras (Stadelmann et al., 2007), nomeadamente em crianças que experimentaram cuidados inadequados (Shields et al., 2001). Num estudo de Toth et al (2000, cit. por Torres et al., 2012), foi demonstrado que entre crianças vítimas de maus tratos, aquelas que percepcionavam a vivência familiar como mais conflituosa, utilizando temáticas muito conflituosas e agressivas nas histórias que contavam, apresentavam problemas de externalização. No entanto, aquelas que, por outro lado, contavam as suas histórias utilizando sobretudo temáticas pró-sociais e coerentes e que viam a sua família de forma menos negativa, não apresentavam problemas de externalização.

Mas não é apenas em contextos de violência intrafamiliar ou de maus tratos que as relações de vinculação e as representações internas podem ser negativas. Em famílias menos estruturadas e com vínculos afectivos e relacionais familiares mais fragilizados, i.e., em contextos familiares de vulnerabilidade, estas fragilidades podem funcionar como obstáculos ao bom estabelecimento das relações de vinculação e, conseqüentemente, contribuir para representações menos positivas dos cuidadores e das próprias relações. Ao percepcionar os pais como figuras rejeitantes e indisponíveis, a criança vai sentir-se desvalorizada, insegura e indesejada (Silva & Santos, 2011) e, uma vez que as relações de vinculação estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento das representações do *self* (Cassidy, 1990; Silva & Santos, 2011), haverá repercussões ao nível da construção do Conceito de Si. Esta noção de si própria pouco positiva, aliada a uma visão das figuras parentais como não-

confiáveis (Dubois-Comtois & Moss, 2008), pode levar a generalizações frequentes e incorretas acerca das intenções dos outros (Maia et al., 2008 cit. por Torres et al., 2012) e a comportamentos como agressividade ou isolamento social, que passam a fazer sentido como respostas a um mundo visto como hostil, rejeitante e abusivo (Torres et al., 2012).

As representações que a criança desenvolve acerca das figuras de vinculação, da restante família e das relações criadas entre todos vão então influenciar profundamente o desenvolvimento do Conceito de Si e o ajustamento psicológico da criança no futuro (Dubois-Comtois & Moss, 2008; Stadelmann et al., 2007; Yazici & Tastepe, 2013), uma vez que é através da qualidade destas representações que a criança irá ser capaz de responder de forma mais ou menos adaptativa aos desafios que surgirão ao longo do tempo, mesmo quando o seu contexto de vida parece sugerir que a sua trajetória de desenvolvimento tenha sido mais ou menos perturbada.

Em suma, a literatura permite-nos compreender a importância do desenvolvimento de representações positivas do *self* e a influência da família, matriz do desenvolvimento psicossocial da criança, e das representações de família para a construção de um Conceito de Si realista e equilibrado.

Neste estudo, o objetivo principal é o de avaliar, em jovens pré-adolescentes, cada uma das linhas do desenvolvimento ontogenético propostas por Blatt e a relação entre elas: a linha da individualidade, que será considerada a partir da análise da representação do Self, ao nível do Conceito de Si; e a linha do relacionamento interpessoal, que será considerada a partir da análise da matriz das representações de família e de relações familiares. Pretende-se ainda compreender a natureza e a relação destas dimensões em função da qualidade da vida familiar, pelo que consideraremos jovens que vivem em contexto familiar de estabilidade e normalidade e jovens em contexto familiar de vulnerabilidade.

2. Metodologia

2.1. Problema

A presente investigação teve como ponto de partida a importância da vivência da individualidade, nomeadamente ao nível da construção do Conceito de Si, na pré-adolescência e a influência das vivências familiares, parte integrante e essencial do desenvolvimento das relações interpessoais, expressas designadamente nas seguintes questões:

A construção do Conceito de Si em pré-adolescentes é particularmente influenciada pelas dificuldades relacionais vividas no seio da família? Em contextos de vulnerabilidade familiar haverá maiores dificuldades na construção de um Conceito de Si realista e positivo?

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é o estudo da relação entre as representações do *Self* e de Família durante a pré-adolescência. Para tal propomo-nos estudar duas amostras de participantes, em diferentes contextos de vida familiar, e analisar as relações entre o Conceito de Si e a percepção que o pré-adolescente tem de família e de relações familiares. Assim podem ser definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Caracterizar a linha de desenvolvimento da individualidade através das representações de *self*, ao nível do Conceito de Si, de pré-adolescentes que vivem em contextos familiares de normalidade e de vulnerabilidade;
2. Caracterizar a linha do relacionamento interpessoal através das representações de família, ao nível da percepção das figuras familiares e da vida familiar, de pré-adolescentes que vivem em contextos familiares de normalidade e de vulnerabilidade;
3. Analisar a relação entre as duas linhas de desenvolvimento, ao nível do Conceito de Si e da percepção das relações familiares, em cada uma das amostras em estudo e as principais diferenças entre elas.

2.2. Desenho de Investigação¹

O estudo integra metodologias de recolha de dados qualitativos e quantitativos, nomeadamente narrativas sobre cenas da vida familiar e uma escala de autoconceito, ambas

¹ A presente investigação insere-se num projeto mais amplo de investigação da Mestre Andreia Baptista, no âmbito do seu Doutoramento em Psicologia Clínica, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, subordinado ao tema “*Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade*”, projeto aprovado pela Comissão de Deontologia da FP-UL.

com potencial para aceder às dimensões psicológicas relacionadas com os constructos em análise.

O desenho da investigação foi delineado de modo a permitir a análise intragrupo (i.e., centrada na convergência/divergência dos dados de cada amostra) e intergrupo (i.e., centrada na comparação das duas amostras em estudo).

2.3. Mapa de Investigação

FAMÍLIA COMO MATRIZ DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

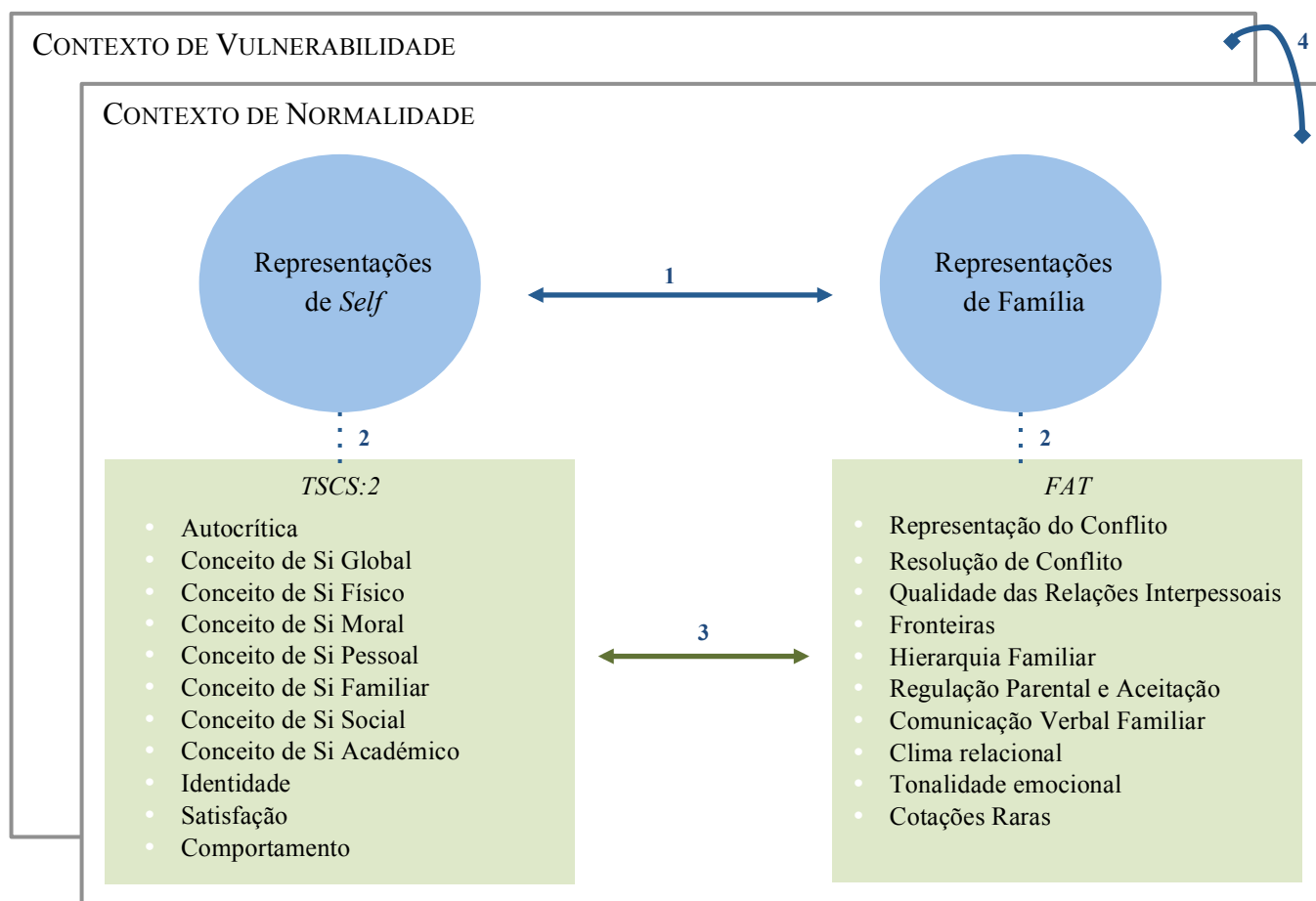


Figura 1
Mapa dos Constructos e das Variáveis de Investigação

Nota. ¹ Relação teórica entre os constructos; ² Operacionalização dos constructos; ³ Relação entre as dimensões; ⁴ Comparação das amostras em estudo; TSCS:2 = Tennessee Self Concept Scale:2; FAT = Family Apperception Test.

2.4. Participantes

Os critérios gerais definidos para o estudo foram os seguintes: participantes com idades entre os nove e os 13 anos a viver no seio de uma família. Como critérios específicos foram considerados:

a) para a amostra de Contexto de Normalidade (adiante designada CN): participantes de ambos os sexos, a viverem com ambos os progenitores e sem historial de dificuldades e vulnerabilidades familiares que implicassem ajudas clínicas ou financeiras ou a sinalização a comissões de proteção de crianças e jovens (CPCJ);

b) para a amostra de Contexto de Vulnerabilidade (adiante designada CV): participantes que tenham estado ou estejam expostos a situações de vulnerabilidade familiar que motivem a sinalização a comissões de proteção de crianças e jovens (CPCJ) ou impliquem ajudas técnicas, de natureza clínica ou assistencial, ao próprio e/ou à família.

As amostras foram constituídas a partir de critérios de conveniência e integram, no conjunto, 31 participantes de ambos os sexos e de idades compreendidas entre os nove e os 13 anos, com a seguinte distribuição:

a) a amostra CN integra 19 participantes, 12 do sexo feminino (63%) e sete participantes do sexo masculino (37%), com uma média de idades de 10,8 anos (seis crianças de nove anos; uma de 10 anos; quatro de 11 anos; seis de 12 anos; e duas de 13 anos);

b) a amostra CV integra 12 participantes, três do sexo feminino (25%) e nove do sexo masculino (75%), com uma média de idades de 11,9 anos (uma criança de nove anos; uma de 10 anos; duas de 11 anos; duas de 12 anos; e seis de 13 anos).

Tabela 1 – Características demográficas dos participantes por amostra (Contexto de Normalidade – CN; Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Idade		Sexo	
	Média (DP)		F	M
Amostra CN (n = 19)	10.84 (1.46)		12	7
Amostra CV (n = 12)	11.92 (1.38)		3	9

As duas amostras não são comparáveis relativamente ao número de participantes e à sua distribuição de idades e por sexo, o que será tido em consideração na análise de resultados. De seguida, apresenta-se uma descrição mais detalhada de cada uma das amostras.

Amostra de Crianças em Contexto de Normalidade

Todos os participantes desta amostra (CN) vivem em situação familiar normativa: a maioria (17) com o pai, a mãe e os irmãos; duas delas vivem apenas com os pais, uma porque não tem irmãos, outra porque os irmãos vivem num outro agregado familiar. Todas as crianças frequentam a escola, no nível de escolaridade esperado para a sua idade. O nível educacional dos pais e a respetiva profissão sugerem que estas crianças pertençam a um nível socioeconómico médio ou elevado. De acordo com os critérios definidos, nenhuma criança

apresenta historial de sinalização à CPCJ ou exposição a situações de risco. Foi também controlada a existência de sinais de particular vulnerabilidade familiar ou relativos ao processo de desenvolvimento da criança (e.g., situações de doença crónica, problemas sensoriais incapacitantes ou problemas psicológicos identificados e alvo de intervenção clínica).

Amostra de Crianças em Contexto de Vulnerabilidade

Todos os participantes desta amostra (CV) vivem em contextos familiares considerados vulneráveis devido à vivência de uma, ou mais, das seguintes situações: patologias familiares, relações intrafamiliares instáveis e/ou conflituosas, negligência por parte dos progenitores, abandono por parte de um ou de ambos os progenitores, ausência prolongada de um dos progenitores e historial de sinalização à CPCJ. Especificamente, entre as crianças que vivem atualmente algum tipo de patologia familiar, duas têm um diagnóstico de patologia psicológica, duas têm progenitores com diagnóstico de patologia psicológica, três crianças têm pelo menos um progenitor toxicodependente e duas têm um progenitor alcoólico. Em relação à vivência de instabilidade e conflitos nas relações familiares, uma das crianças tem historial e outras quatro vivem atualmente relações familiares pautadas por conflitos e agressividade e três estão expostas a relações conjugais conflituosas e/ou inconstantes. Duas crianças têm historial de negligência e uma vive atualmente essa situação por parte de ambos os progenitores. Situações de abandono foram vividas por quatro crianças, uma delas por ambos os progenitores. Três viveram uma ausência prolongada de um dos progenitores, duas tiveram pelo menos um dos progenitores preso e três têm historial de sinalização à CPCJ.

Em relação à sua fratria, apenas oito das 12 crianças têm irmãos sendo que, entre estas, uma apenas se relaciona com alguns dos irmãos e outra não tem relações ativas com nenhum dos irmãos. A constituição dos agregados familiares é diversa: três crianças vivem apenas com os progenitores; três vivem com os progenitores e os irmãos; cinco vivem com um dos progenitores, sendo que destas cinco crianças, duas vivem também com o cônjuge do progenitor e os seus irmãos e duas vivem também com avós e nenhum irmão; uma criança vive apenas com os avós.

Todas as crianças frequentam a escola, dez delas no nível de escolaridade esperado para a sua idade. Atualmente, dez das doze crianças desta amostra beneficiam de acompanhamento psicológico por evidenciarem sinais de sofrimento psicológico, dificuldades relacionais, emocionais ou comportamentais. Em todos os casos, acrescem sérias dificuldades económicas associadas a situações de dependência prolongada de subsídios

sociais por parte da família e, em cerca de metade da amostra, de apoio diário ao nível da alimentação.

2.5. Instrumentos

Para a recolha de dados, foram utilizados dois instrumentos estandardizados: *Tennessee Self Concept Scale:2* e *The Family Apperception Test*. Foi também recolhida informação básica sobre a criança e o seu desenvolvimento utilizando uma ficha de dados sociodemográficos.

Tennessee Self Concept Scale 2 (TSCS:2)

A escala de *Tennessee* é um instrumento de autorrelato elaborado por Fitts e Warren, em 1996, com duas versões: uma para crianças e adolescentes, e outra para adultos. É de aplicação simples, e pode ser administrada individualmente ou em grupo, num tempo médio de 10 a 20 minutos. Na presente investigação, utilizámos a versão experimental portuguesa da versão para crianças (Novo, 2003), aplicável individualmente entre os 7 e os 14 anos de idade.

A versão para crianças é constituída por 76 itens apresentados sob a forma de afirmações sobre o modo como as crianças se sentem consigo próprias e como avaliam a sua relação com o corpo, com a escola, com a família e amigos. As respostas expressam o grau de acordo com cada uma das afirmações e são dadas numa escala de tipo Likert, em cinco pontos, com a seguinte correspondência: 1 – *Totalmente Falsa*; 2 – *Em Grande Parte Falsa*; 3 – *Em Parte Falsa e Em Parte Verdadeira*; 4 – *Em Grande Parte Verdadeira*; e 5 – *Totalmente Verdadeira*.

A TSCS:2 proporciona várias medidas finais, de validade e clínicas, das quais serão utilizadas as seguintes²: *Conceito de Si (CS) Global*, que reflete a perspetiva individual em relação ao autoconceito global e o nível associado de autoestima; e seis medidas parcelares: *CS Físico*, referente à noção que a criança tem do seu estado de saúde, aparência física, competências físicas e sexualidade; *CS Moral*, que descreve o *self* através da perspetiva ética e moral da criança, examinando os seus valores morais e os sentimentos associados a ser ou não uma pessoa boa e correta do ponto de vista ético; *CS Pessoal*, que reflete a noção da criança acerca do seu valor pessoal e sentimento de adequação como pessoa; *CS Familiar*, que traduz a perceção que a criança tem de si como membro de uma família e como

² Para uma descrição mais detalhada de cada uma das subescalas ver *Anexo A*.

indivíduo na relação com o seu círculo imediato de pessoas significativas; *CS Social*, que se refere à forma como o *self* é percebido na interação social e relação com os outros; *CS Académico*, que avalia a forma como a criança se percebe a si própria e como acredita que é percebida pelos outros em contexto escolar. O instrumento disponibiliza ainda três escalas suplementares: *Identidade*, relativa à forma como a criança descreve a sua identidade básica; *Satisfação*, que traduz o nível de autoaceitação e a forma como a criança se sente com a sua autoimagem; e *Comportamento*, que reflete a forma como a criança percebe o seu comportamento ou modo de funcionamento. O instrumento integra também uma escala de validade, designada *Autocrítica*, que reflete a atitude de resposta da criança, nomeadamente a capacidade para identificar e assumir fragilidades ou defeitos que a maioria das pessoas tenderia a admitir, criando uma imagem de si própria mais ou menos realista.

Estas medidas apresentam, nos estudos da versão original da escala, valores adequados de consistência interna, designadamente, para a faixa etária 7-12 anos e 13-14 anos, alfa de Cronbach respetivamente de: .91 e .92 para o *CS Global*; e valores entre .66 e .73 e entre .67 e .78 para as medidas básicas do Conceito de Si. Ao nível da precisão, os estudos de teste-reteste com uma semana de intervalo, para idades entre os 7 e os 13 anos, dão a conhecer valores de correlação de .72 para o *CS Global*, .71 para a *Autocrítica* e valores entre .69 e .79 para as restantes medidas (dados detalhados são apresentados no Manual de Fitts & Warren, 1996, p. 60).

Os estudos realizados com a versão portuguesa indicam também valores adequados quer de consistência interna quer de estabilidade temporal. Num trabalho com participantes com idades aproximadas às do presente estudo (Mourão & Novo, 2008), os valores de alfa foram satisfatórios, nomeadamente, um coeficiente de .88 para o *CS Global* e valores entre .54 e .70 para as medidas básicas do Conceito de Si. Os coeficientes de estabilidade temporal obtidos com três semanas de intervalo, foram: .86 para o *CS Global*, .74 para a *Autocrítica* e valores entre .69 e .81 para as subescalas do Conceito de Si.

The Family Apperception Test (FAT)

Teste elaborado por Sotile, Julian III, Henry e Sotile, em 1999, que tem por base a teoria sistémica e por objetivo a avaliação das representações familiares, em contexto clínico familiar e individual, a partir dos seis anos de idade. De forma distinta de outros instrumentos projetivos, o FAT não visa apenas a identificação de aspetos psicodinâmicos, mas sim a evocação de um quadro de referência cognitivo e afectivo centrado na família, permitindo conhecer percepções, afetos e sentimentos da criança como membro do sistema familiar.

O instrumento é composto por 21 cartões que representam famílias em situações quotidianas diversas, personagens masculinas e femininas, de idades variadas, suscitando associações sobre os processos e as estruturas familiares, bem como reações afetivas relacionadas com interações familiares específicas com os diferentes elementos representados.

A tarefa solicitada é a de elaboração de uma história para cada um dos cartões. A aplicação do FAT, de forma semelhante a outros instrumentos projetivos, merece particular cuidado uma vez que a situação não pode ser totalmente estandardizada. De acordo com a versão portuguesa do manual (Baptista, Novo, & Narciso, 2013) as instruções de aplicação do teste a crianças e a jovens é a seguinte:

Tenho aqui uma série de imagens que mostram crianças e as suas famílias. Vou mostrar-te as imagens uma a uma. Peço-te que me digas, por favor, o que se passa na imagem, o que se terá passado antes, o que os personagens pensam ou sentem e também como é que a história vai terminar. Utiliza a tua imaginação e, sobretudo, lembra-te de que não há boas ou más respostas no que dirás sobre cada imagem. (Baptista et al., 2013, p.5)

Em função dos objetivos da investigação foram selecionados os doze cartões que passamos a apresentar, a par da temática que representam:

Cartão 1 'O Jantar'

- Conflitos familiares e/ou conjugais e processo de definição de fronteiras.

Cartão 3 'A Punição'

- Definição de limites por parte dos cuidadores e potencial existência de maus tratos, bem como sentimentos da criança face a regras familiares.

Cartão 5 'A Sala de Estar'

- Conflitos familiares e/ou conjugais.

Cartão 6 'A Arrumação'

- Relações entre mãe e criança, ao nível da definição de limites, da resolução de conflitos e das fronteiras existentes.

Cartão 7 'O Cimo das Escadas'

- Problemáticas frequentemente relacionadas com conflitos familiares e/ou conjugais ou com definição de limites.

Cartão 8 'O Centro Comercial'

- Relações entre mãe e criança, entre irmãos e/ou entre pares, ao nível dos processos de resolução de conflitos, de definição de limites e da natureza aberta

ou fechada do sistema familiar.

Cartão 9 'A Cozinha'

- Conflitos conjugais e/ou familiares, situações de abuso de substâncias ou de maus tratos, processos de resolução de conflitos e definição de limites.

Cartão 11 'A Saída Tardia'

- Conflitos familiares e processos de resolução de conflitos, pondo em evidência as relações entre três gerações distintas e a natureza aberta ou fechada do sistema familiar.

Cartão 12 'Os Trabalhos de Casa'

- Dinâmica familiar na realização de tarefas intelectuais e escolares, conflitos familiares, processos de resolução dos mesmos, definição de limites e fronteiras.

Cartão 13 'A Hora de Dormir'

- Relações entre pai e criança, aspetos fusionais e de desligamento envolvidos nesta interação bem como processos de resolução de conflitos e definição de limites.

Cartão 18 'A Excursão'

- Conflitos conjugais e/ou familiares e respectivos processos de resolução, definição de limites e fronteiras e a qualidade das relações entre os membros da família e/ou entre estes e pessoas exteriores à mesma.

Cartão 20 'O Espelho'

- Vida afectiva e Conceito de Si (por ser um dos cartões mais projetivos do teste), nomeadamente ao nível de problemas de confusão identitária ou de identidade sexual.

Para a análise do conteúdo das narrativas de cada um dos cartões foram selecionadas apenas as categorias mais relevantes para o presente estudo, as quais serão apresentadas no âmbito dos procedimentos de análise de dados (ver Tabela 2).

Os dados psicométricos relativos à versão original do teste, nos EUA, sustentam a validade de constructo do FAT e indicam um nível de fidelidade significativo ao nível do acordo interavaliadores, sugerindo assim que é possível utilizar o FAT em diversas situações com níveis de precisão adequados.

Em conjunto, os estudos realizados e referenciados no manual (Sotile et al., 1999) mostraram que o FAT permite discriminar crianças do grupo clínico (i.e., com diagnóstico psiquiátrico e com acompanhamento) de crianças do grupo de controlo, nomeadamente em função da presença de conflitos nas histórias.

Ficha de Dados Sociodemográficos

A ficha de dados sociodemográficos foi elaborada no âmbito do projeto de investigação no qual se integra este estudo e permite a recolha da seguinte informação: data de nascimento e nível de escolaridade da criança; nível de escolaridade e profissão dos cuidadores; constituição da fratria e do agregado familiar; breve história do desenvolvimento da criança; e a possível existência de historial de sinalização.

2.6. Procedimentos

Recolha de Dados

A amostra CN foi recrutada através da solicitação, à rede social da investigadora, de crianças nas condições definidas. Num primeiro contacto com os progenitores da criança referenciada, foram dadas as informações sobre o estudo e solicitada autorização para a participação da criança no mesmo, autorização confirmada com a assinatura de um documento de consentimento (Apêndice A). Posteriormente foi agendada uma sessão individual, em casa da criança ou em casa da investigadora, para a realização dos testes e breve entrevista de recolha de dados sociodemográficos.

A recolha da amostra CV foi realizada num serviço de solidariedade social da Fundação Salesiana (SolSal – Solidariedade Salesiana), destinado a crianças e jovens em situações de vulnerabilidade. O adulto responsável por cada criança em condições de inclusão na amostra foi contactado e, tal como na amostra CN, foi-lhe fornecida a informação necessária e solicitado o consentimento informado (Apêndice A). Posteriormente, foi marcada uma sessão individual com a criança, que se realizou nas instalações do SolSal, para proceder à realização dos testes e recolha de dados.

Os procedimentos de aplicação dos testes foram semelhantes para todas as crianças. Numa sessão individual de aproximadamente 45 minutos, em condições de privacidade, foi aplicada a TSCS:2 e o FAT, seguindo as instruções de aplicação e indicações específicas dos respetivos manuais. Antes da aplicação do FAT, foi explicado à criança que se iria proceder a uma gravação áudio, o que foi bem aceite pelas crianças de ambas as amostras.

Após a aplicação de ambos os testes, foi recolhida informação através de um breve questionamento ao Encarregado de Educação de cada criança ou, no caso de algumas crianças da amostra CV, através da consulta de dados disponibilizados pelo SolSal.

Cotação de Dados

A cotação da TSCS:2 foi feita manualmente pela investigadora, numa folha anexa à versão experimental portuguesa da forma para crianças (Novo, 2003) na qual foram inseridas as respostas da criança e calculados os resultados das diversas medidas da escala. Posteriormente, a transformação dos resultados brutos em *T*-scores, de acordo com as normas norte-americanas, foi realizada diretamente através do preenchimento de uma folha de perfil.³

Relativamente à cotação do FAT, esta foi realizada para todas as categorias de análise propostas pelo manual e para as novas categorias de análise propostas no âmbito de um grupo de trabalhos sobre o teste na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. A cotação das primeiras categorias seguiu as indicações do manual do teste e a cotação das novas categorias seguiu as indicações do documento mimeo criado pelo grupo de trabalhos referido anteriormente (Apêndice B).

De modo a incrementar os níveis de fidelidade dos resultados do teste, foi adotada como metodologia a cotação de todos os protocolos, de forma independente, por dois investigadores, recorrendo a um terceiro investigador para resolver as divergências.

Análise de Dados

De modo a dar resposta à questão de investigação inicialmente formulada e aos objetivos do estudo, a análise dos dados foi realizada para cada uma das provas ao nível da comparação entre as amostras (análise intergrupos) e posteriormente, ao nível da relação entre os dados obtidos pelos participantes nas duas provas (análise intragrupos), com recurso ao software estatístico SPSS (versão 22).

Previamente procedeu-se à verificação da base de dados no sentido de identificar e corrigir os erros de registo e aplicar critérios de exclusão.

Após uma análise exploratória das medidas finais da TSCS:2, foram definidos dois tipos de análise diferente: uma análise por subescala e uma análise global por protocolo, ambas realizadas ao nível dos grupos. A análise por subescala permite conhecer os valores médios observados para cada subescala em cada uma das amostras e no seu conjunto. Seguindo a mesma lógica, os dados foram depois categorizados (Notas $T < 40$ – *Resultados Baixos*; $40 < \text{Notas } T < 60$ – *Resultados Médios*; e Notas $T > 60$ – *Resultados Elevados*) e analisada a frequência de cada categoria de resultados nas diferentes subescalas contempladas no presente estudo. A análise global por protocolo, também realizada ao nível dos grupos,

³ Estudos realizados com amostras portuguesas dão a conhecer valores médios muito próximos dos dados normativos norte-americanos (e.g., Mourão, 2008; Nunes, 2011).

permitiu conhecer a tendência de cada criança em termos de elevação do perfil. Foram considerados os seguintes perfis: a) aqueles com uma maioria de subescalas com resultados baixos ($< 40T$) – *Perfil de Resultados Baixos*; b) aqueles com uma maioria das subescalas com resultados médios ($40T - 60T$) – *Perfil de Resultados Médios*; c) aqueles com uma maioria das subescalas com resultados elevados ($> 60T$) – *Perfil de Resultados Elevados*. Foi depois analisada a frequência de tipos de perfil em cada uma das amostras e realizada uma comparação entre estas.

Relativamente à análise do conteúdo das narrativas do FAT, começaram por ser adotados dois princípios. Primeiro foram selecionadas as categorias de análise mais relevantes para o presente estudo e que, em fases prévias de investigação, mereceram um maior acordo interavaliadores. Posteriormente, observados os mesmos critérios, foram consideradas algumas das novas categorias de análise definidas no âmbito do grupo de trabalhos sobre o teste na FP-UL (ver *Apêndice B*). Foram também selecionadas oito categorias de análise que, apesar de terem sido cotadas com pouca frequência, têm um importante valor clínico e por isso, quando analisadas no seu conjunto, fornecem informação complementar.

O conjunto de categorias utilizadas na presente investigação e respetiva descrição sumária⁴ são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Categorias de análise do Family Apperception Test utilizadas no presente estudo

Categoria Subcategorias	Descrição Genérica
Representação de Conflito (Conflito Aparente) ^(a)	
Conflito Familiar	
Conflito Conjugal	
Outro Tipo de Conflito	Indica a presença de uma tensão decorrente de uma relação interpessoal.
Ausência de Conflito	
Tendência Representação do Conflito ^(b)	
Presente vs Ausente	
Resolução do Conflito ^(a)	
Tendência de Resolução de Conflito ^(b)	Indica se a resolução de conflito é expressa, explícita ou implicitamente, ou se está ausente.
Positiva	
Negativa ou sem Resolução	
Qualidade das Relações ^(a)	
Mãe Aliada/Stressor	Diz respeito à qualidade das relações familiares em função dos níveis evocados de conforto ou de tensão sentidos nas relações entre os membros da família.
Pai Aliado/Stressor	
Irmão/Irmã Aliado/Stressor	

⁴ As descrições completas são apresentadas no manual do teste (Sotile et al., 1999), bem como no documento mimeo da versão portuguesa do manual (Baptista et al., 2013), e no documento das novas categorias de análise definidas no âmbito do grupo de trabalho da FP-UL sobre o FAT (*Apêndice B*).

Cônjuge Aliado/Stressor Outro Aliado/Stressor Tendência da Qualidade das Relações ^(b) Aliado Stressor	
<hr/>	
Fronteiras ^(a) Tendência Fronteiras ^(b) Nítidas/Relações Equilibradas Difusas/Relações Emaranhadas Rígidas/Relações Desligadas	Refere-se a regras ou limites que permitem regular a passagem de informação entre a família e o meio e entre os diferentes subsistemas familiares.
<hr/>	
Hierarquia Familiar ^(a) Tendência Hierarquia Familiar ^(b) Congruente Invertida	Avalia a funcionalidade vs. disfuncionalidade da hierarquia familiar.
<hr/>	
Regulação Parental e Aceitação da Regulação ^(a) Tendência da Regulação Parental e da Aceitação ^(b) Regulação Parental Adequada Regulação Parental Inadequada Aceitação Não Aceitação	Diz respeito à (in)adequação das práticas parentais e à aceitação ou não aceitação destas práticas pelos filhos.
<hr/>	
Comunicação Verbal ^(a) Tendência Comunicação Verbal ^(b) Aberta/Clara Fechada/Confusa	Avalia a qualidade da comunicação verbal na família.
<hr/>	
Clima Relacional ^(a) Tendência Clima Relacional ^(b) Positivo Negativo	Diz respeito à percepção positiva vs. negativa das relações familiares e das relações entre outras personagens.
<hr/>	
Tonalidade Emocional ^(a) Depressão/ Tristeza Alegria/ Satisfação Ira/ Hostilidade Ansiedade/ Medo Outras Emoções Tendência da Tonalidade Emocional ^(b) Tonalidade Emocional Positiva Tonalidade Emocional Negativa	Indica os diferentes tipos de tonalidade emocional presentes na narrativa.
<hr/>	
Definição de Fronteiras ^{(a)(c)} Fusão Desligamento Sistema Fechado	Refere-se a regras ou limites que regulam a passagem de informação entre os diferentes subsistemas familiares e o meio. <hr/> Indica relações fusionais e comportamentos demasiado intrusivos entre membros de uma família. <hr/> Indica distanciamento psicológico inapropriado entre membros de uma família. <hr/> Refere-se à atitude reticente ou oposição da família à relação dos seus membros com o mundo exterior.
<hr/>	
Circularidade Disfuncional ^{(a)(c)}	Indica a presença de acontecimentos com tendência a repetir-se de forma cíclica sem que possam ser resolvidos.
<hr/>	
Maus Tratos ^{(a)(c)}	Indica alusão à prática ou à antecipação de maus tratos.

Respostas Invulgares ^{(a)(c)}	Indica a presença de conteúdos pouco habituais ou emocionalmente intensos (e.g., perturbação mental, suicídio, morte, violência) ou de processos psicológicos de relevância clínica (e.g., negação manifesta dos aspetos presentes no cartão, processos primários de pensamento).
Continuidade da História ^{(a)(c)}	Indica a presença de reflexões, personagens ou eventos pertencentes a narrativas anteriores.
Legibilidade da História ^{(a)(c)}	Refere-se ao nível de clareza da narrativa que é transmitida.
Confusa	Indica tendência à restrição associada a narrativa hermética (e.g., anonimato de personagens, conflitos ou motivos não expressos, instabilidade nas identificações).

Nota. ^(a)Variáveis analisadas por cartão. ^(b)Variáveis analisadas globalmente por protocolo, i.e., considerando o conjunto dos 12 cartões. ^(c) Variáveis de cotação rara.

Depois de selecionadas as categorias sujeitas a análise, o conjunto das variáveis foi analisado de duas formas distintas, uma análise por cartão e uma análise global por protocolo (ver Tabela 2): a análise por cartão permitiu identificar a frequência com que as diferentes categorias estão representadas na narrativa de cada criança e, quando analisadas ao nível dos grupos, permitem conhecer o valor médio observado nas categorias em cada uma das amostras; a análise global por protocolo permite verificar a categoria dominante no conjunto de narrativas de cada criança, i.e., a sua tendência global de resposta e, quando analisadas ao nível dos grupos, permitem conhecer o número de crianças que pontua ou representa cada uma das categorias.

Seguiu-se uma análise das correlações entre as dimensões finais dos instrumentos utilizados, onde foi dada ênfase às subescalas ‘*Conceito de Si Global*’ e ‘*Conceito de Si Familiar*’, pela relevância que apresentam para o presente estudo, e às subescalas ‘*Conceito de Si Académico*’ e ‘*Conceito de Si Social*’, por terem sido aquelas que na análise da TSCS:2 apresentaram um padrão de resultados mais distinto entre as duas amostras em estudo.

Cada uma destas subescalas da TSCS:2 foi então correlacionada com todas as categorias do FAT sujeitas a análises globais de protocolos analisadas ao nível dos grupos, i.e., com o número de crianças que representa cada uma das categorias.

3. Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo procedemos à apresentação e análise dos resultados obtidos em cada uma das provas aplicadas e os dados da correlação entre as duas. Numa primeira fase são analisados os resultados da *Tennessee Self Concept Scale 2* (TSCS:2) e, em seguida, os do *Family Apperception Test* (FAT). Para ambas as provas, os resultados globais são apresentados em tabelas ao longo do texto e os resultados discriminados apresentados no Anexo B, tendo a apresentação a seguinte sequência: caracterização de cada uma das amostras e posterior comparação entre as duas e exploração do sentido das diferenças identificadas.

Numa segunda fase, são analisados os resultados das duas provas em conjunto. Serão consideradas as subescalas da TSCS:2 mais importantes no âmbito do estudo (*Conceito de Si Global, Conceito de Si Familiar, Conceito de Si Académico e Conceito de Si Social*), as quais serão relacionadas com os resultados das categorias do FAT.

Resultados da TSCS:2

Os dados obtidos na TSCS:2 indicam globalmente que, em ambas as amostras, os valores são médios ou próximos da média dos dados normativos (*T50*). Contudo, no Contexto de Normalidade (CN) estes valores tendem a ser mais elevados e com menor amplitude e dispersão que na amostra de Contexto de Vulnerabilidade (CV), onde os resultados tendem a ser inferiores e estão associados a desvios-padrão elevados. Os valores da subescala ‘Autocrítica’ são médios em ambas as amostras e indicam uma atitude adequada no sentido de uma autoavaliação equilibrada e válida (ver Tabela 3).

Tabela 3 – Subescalas da TSCS:2 por amostra (Contexto de Normalidade – CN; Contexto de Vulnerabilidade - CV): estatística descritiva

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)				Amostra CV (<i>n</i> = 12)			
	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn (FAC)*</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn (FAC)*</i>	<i>Média (DP)</i>
Autocrítica	26	71	46 (53%)	47.11 (11.54)	26	62	49 (50%)	46.33 (11.10)
Conceito de Si Global	44	76	57 (58%)	58.95 (8.32)	24	71	56 (50%)	51.92 (13.24)
Conceito de Si Físico	45	66	53 (53%)	55.37 (6.58)	31	66	54 (58%)	52.42 (10.87)
Conceito de Si Moral	37	71	57 (53%)	55.58 (10.09)	27	68	51 (58%)	50.25 (12.30)
Conceito de Si Pessoal	43	65	54 (53%)	55.32 (6.35)	32	72	55 (58%)	55.17 (12.07)
Conceito de Si Familiar	42	72	59 (58%)	59.05 (7.21)	29	69	55 (50%)	52.92 (11.66)
Conceito de Si Social	38	74	60 (53%)	59.47 (10.23)	21	76	55 (50%)	51.17 (16.19)
Conceito de Si Académico	36	71	55 (63%)	56.11 (8.34)	24	59	53 (75%)	47.58 (10.78)
Identidade	47	77	57 (53%)	58.42 (7.61)	25	70	54 (50%)	52.25 (13.51)
Satisfação	38	77	60 (53%)	60.63 (9.86)	35	75	61 (50%)	56.75 (12.52)
Comportamento	40	70	54 (53%)	55 (8.15)	24	66	54 (58%)	49.75 (12.45)

Nota. *FAC = Frequências Acumuladas até à mediana.

Dada a reduzida dimensão das amostras e a heterogeneidade de resultados, sobretudo no CV, optou-se pela categorização dos resultados das subescalas clínicas, do seguinte modo:

1. ‘Resultados Baixos’: Notas $T < 40$;
2. ‘Resultados Médios’: $40 < \text{Notas } T < 60$;
3. ‘Resultados Elevados’: Notas $T > 60$.

A análise da frequência destas categorias de resultados nas duas amostras permite verificar que as crianças do CN têm, nas diferentes subescalas, sobretudo ‘Resultados Médios’ e ‘Resultados Elevados’; o número de crianças com resultados baixos é diminuto (2% do conjunto das 10 subescalas nas 19 crianças) (ver Tabela 4). Na amostra CV, apesar das categorias ‘Resultados Médios’ e ‘Resultados Elevados’ serem as mais representadas, há maior dispersão e a categoria de resultados baixos representa 19% (considerando o conjunto das 10 subescalas nas 12 crianças). As subescalas ‘Conceito de Si Social’ e ‘Conceito de Si Académico’ distinguem-se pelo facto de sinalizarem resultados baixos (em 33% e 25% da amostra, respectivamente). Para além disso, a subescala ‘Conceito de Si Académico’ distingue-se também pelo facto de nenhuma criança da amostra CV apresentar resultados elevados nesta subescala, o que ocorre em 32% das crianças da amostra CN.

Tabela 4 – Frequência de participantes nas três categorias de resultados da TSCS:2 por subescala e por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN ($n = 19$)			Amostra CV ($n = 12$)		
	$< 40T$	$40T - 60T$	$> 60T$	$< 40T$	$40T - 60T$	$> 60T$
Conceito de Si Global	0	11 (58%)	8 (42%)	2 (17%)	6 (50%)	4 (33%)
Conceito de Si Físico	0	13 (68%)	6 (32%)	2 (17%)	7 (58%)	3 (25%)
Conceito de Si Moral	1 (5%)	9 (47%)	9 (47%)	2 (17%)	7 (58%)	3 (25%)
Conceito de Si Pessoal	0	14 (74%)	5 (26%)	2 (17%)	6 (50%)	4 (33%)
Conceito de Si Familiar	0	11 (58%)	8 (42%)	2 (17%)	6 (50%)	4 (33%)
Conceito de Si Social	1 (5%)	9 (47%)	9 (47%)	4 (33%)	4 (33%)	4 (33%)
Conceito de Si Académico	1 (5%)	12 (63%)	6 (32%)	3 (25%)	9 (75%)	0
Identidade	0	13 (68%)	6 (32%)	2 (17%)	7 (58%)	3 (25%)
Satisfação	1 (5%)	9 (47%)	9 (47%)	2 (17%)	3 (25%)	7 (58%)
Comportamento	0	15 (79%)	4 (21%)	2 (17%)	8 (67%)	2 (17%)

Em suma, verifica-se assim uma tendência a comportamentos diferentes das duas amostras:

- Na amostra de normalidade, os resultados são mais homogéneos e tendencialmente médios a elevados; na amostra de vulnerabilidade, há maior heterogeneidade, com 19% dos resultados claramente inferiores à média. As facetas relativas ao Conceito de

Si acadêmico e ao Conceito de Si social são aquelas que apresentam diferenças mais acentuadas, com superioridade nas crianças da ‘amostra de normalidade’. Isto sugere que as crianças do amostra CV se percebem de forma menos positiva, especialmente no que diz respeito à sua adequação na relação com os outros e à forma como percebem o seu valor e competências no contexto escolar.

Considerando a análise, agora ao nível do perfil de cada criança, foi identificada a tendência da distribuição das subescalas por três categorias⁵:

1. ‘Perfil de Resultados Baixos’ – maioria das subescalas com valores $T < 40$;
2. ‘Perfil de Resultados Médios’ – maioria das subescalas com valores entre $40T$ e $60T$;
3. ‘Perfil de Resultados Elevados’ – maioria das subescalas com valores $T > 60$.

Os resultados confirmam a tendência anterior: as crianças do CN apresentam um ‘Perfil de Resultados Médios’ (63%) ou um ‘Perfil de Resultados Elevados’ (37%); as crianças do CV distribuem-se entre os três perfis, sendo que a sua maioria apresenta um ‘Perfil de Resultados Médios’ (58%) e as restantes dividem-se entre ‘Perfil de Resultados Elevados’ (25%) e ‘Perfil de Resultados Baixos’ (17%) (Tabela 5).

Tabela 5 – Perfis da tendência da distribuição das subescalas por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN ($n = 19$)		Amostra CV ($n = 12$)	
	Frequência	%	Frequência	%
Perfil de Resultados Baixos	0	0	2	17
Perfil de Resultados Médios	12	63	7	58
Perfil de Resultados Elevados	7	37	3	25

Resultados do FAT

Os resultados relativos a cada uma das categorias do FAT são considerados primeiro ao nível das duas amostras e depois comparativamente entre elas, considerando que a amostra de normalidade traduzirá o sentido mais comum e adaptativo das crianças.

Os resultados da análise global dos protocolos são apresentados em tabelas ao longo do texto (resultados mais discriminados são apresentados no Anexo B). Apresentamos também os resultados nas categorias de «resposta rara» as quais têm um potencial valor clínico.

⁵ A distribuição discriminada da globalidade de resultados por criança é apresentada na Tabela B.1 do Anexo B.

Representação do Conflito

No que se refere à frequência de representação de conflito, no conjunto dos 12 cartões, verifica-se que as crianças do Contexto de Normalidade (CN) identificam conflito pelo menos quatro vezes e cerca de metade fazem-no, pelo menos, sete vezes. A ‘Ausência de Conflito’ ocorre em duas ou mais histórias; em cerca de metade da amostra ocorre em sete ou oito histórias (*Mdn* = 6 e *Máx* = 8) (ver Tabela B.2).

No Contexto de Vulnerabilidade (CV), o conflito é representado pelas crianças em uma ou mais das suas narrativas; um terço identifica entre sete a onze conflitos. A ‘Ausência de Conflito’ ocorre em quatro ou mais narrativas e é mais frequente que no CN.

Relativamente à tendência dominante das crianças, cerca de metade do CN tende a representar o conflito e a outra metade não o representa. Na amostra CV, 75% das crianças tende à ‘Não Representação do Conflito’ (Tabela 6).

Estes dados sugerem que as crianças do CV têm maior dificuldade em verbalizar e elaborar a tensão representada ou suscitada pelos cartões.

Tabela 6 - Tendência para a ‘Representação do Conflito’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)		Amostra CV (<i>n</i> = 12)	
	Frequência	%	Frequência	%
Representação do Conflito	9	47	3	25
Não Representação do Conflito	10	53	9	75

Entre os vários tipos de conflito representados, o ‘Conflito Familiar’ foi o mais referido em ambas as amostras: todas as crianças do CN identificaram-no pelo menos duas vezes e cerca de metade entre cinco a sete vezes; as crianças do CV identificam-no pelo menos uma vez e cerca de metade delas representam-no cinco ou seis vezes.

Resolução de Conflito

Relativamente às estratégias utilizadas para a resolução dos conflitos, na amostra CN todas as crianças apresentam uma ou mais resoluções positivas; cerca de metade apresentam entre cinco e oito resoluções positivas. Também ocorrem resoluções negativas ou ausência de resolução de conflitos: em cerca de metade das crianças tal ocorre entre duas e cinco vezes e na outra metade da amostra tal não ocorre ou ocorre com menor frequência (ver Tabela B.3).

Cerca de metade das crianças da amostra CV apresentam resoluções de conflito positivas entre duas a sete vezes e a outra metade não apresenta nenhuma resolução positiva ou apenas

uma. Também ocorreram resoluções negativas ou ausência de resolução de conflitos: em metade das crianças tal ocorre no máximo três vezes e na outra metade da amostra ocorre entre quatro a sete vezes.

Considerando a tendência dominante em cada uma das amostras, verifica-se que no CN predomina a tendência para a ‘Resolução Positiva’ dos conflitos (74%), enquanto no CV ocorre o contrário, 67% têm tendência para a ‘Resolução Negativa’ (Tabela 7).

Tabela 7 – Tendência da ‘Resolução de Conflito’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)		Amostra CV (<i>n</i> = 12)	
	Frequência	%	Frequência	%
Resolução Positiva	14	74	3	25
Resolução Negativa ou Sem Resolução	3	16	8	67
Sem Tendência Definida	2	11	1	8

Os resultados sugerem um comportamento distinto das crianças das duas amostras: as do CN indicam, sobretudo, formas plausíveis para resolver conflitos enquanto as do CV indicam mais frequentemente resoluções negativas ou nenhuma resolução, i.e., tendem a deixar os conflitos em aberto, podendo os mesmos virem a ser reproduzidos no futuro.

Qualidade das Relações

A qualidade das relações familiares entre os diferentes membros da família, ou entre estes e outros personagens, traduz-se na caracterização dos intervenientes nas histórias como ‘Aliados’ ou como ‘Stressores’.

As crianças da amostra CN identificam pelo menos um personagem como ‘Aliado’ e cerca de metade identifica entre quatro a sete figuras aliadas no conjunto das narrativas (*Mdn* = 3 e *Máx* = 7). Identificam também personagens como ‘Stressor’ pelo menos quatro vezes e cerca de metade das crianças fazem-no 10 ou mais vezes na totalidade dos cartões. Na amostra CV, as crianças identificam pelo menos um ‘Aliado’ e metade delas identifica entre duas a seis figuras aliadas. Identificam também personagens como ‘Stressor’ pelo menos três vezes e cerca de metade fazem-no oito ou mais vezes (Tabela 8).

O resultados revelam que a identificação de figuras aliadas é mais frequente na amostra CN que na amostra CV. A caracterização de personagens como ‘Stressor’ é também, em valores médios, mais frequente na amostra CN do que na amostra CV. Atendendo ao

conjunto de narrativas de cada criança, verifica-se que a caracterização da ‘Qualidade das Relações’ tende para ‘Stressor’ em ambas as amostras (ver Tabela B.4).

Tabela 8 – Categoria ‘Qualidade das Relações’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV): estatística descritiva

	Amostra CN (n = 19)				Amostra CV (n = 12)			
	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn (FAC)*</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>Mdn (FAC)</i>	<i>Média (DP)</i>
Figura Aliada (Total)	1	7	3 (53%)	3.95 (2.07)	1	6	2 (50%)	2.75 (1.42)
Figura Stressor (Total)	4	16	9 (53%)	10.05 (3.57)	3	16	7 (50%)	8.25 (4.25)
Mãe Aliada	0	4	2 (79%)	1.63 (1.12)	0	3	1 (75%)	1.00 (0.95)
Pai Aliado	1	3	1 (68%)	1.42 (0.69)	0	3	1 (83%)	1.17 (0.72)
Irmão/Irmã Aliada	0	1	0 (90%)	0.11 (0.32)	0	1	0 (92%)	0.08 (0.29)
Cônjuge Aliado	0	2	0 (63%)	0.42 (0.61)	0	1	0 (67%)	0.33 (0.50)
Outro Aliado	0	2	0 (68%)	0.37 (0.60)	0	1	0 (83%)	0.17 (0.39)
Mãe Stressor	0	6	3 (63%)	3.21 (1.78)	1	6	3 (75%)	2.83 (1.59)
Pai Stressor	1	7	2 (53%)	3.00 (1.67)	0	5	2 (50%)	2.50 (1.62)
Irmão/Irmã Stressor	0	3	1 (63%)	1.16 (1.02)	0	2	1 (92%)	0.83 (0.58)
Cônjuge Stressor	0	2	1 (74%)	0.95 (0.78)	0	4	1 (75%)	1.08 (1.17)
Outro Stressor	0	4	1 (53%)	1.74 (1.28)	0	2	1 (75%)	1.00 (0.74)

Nota. *FAC = Frequências Acumuladas até à mediana.

Em ambas as amostras, as figuras parentais são as mais referenciadas.

Na amostra CN, a maioria (79%) caracteriza ‘Mãe’ como ‘Aliada’ duas ou mais vezes e 63% identificam-na como ‘Stressora’ no máximo três vezes, enquanto as restantes o fazem até seis vezes. Todas as crianças caracterizam ‘Pai’ como ‘Aliado’ pelo menos uma vez e apenas 33% destas o faz duas ou três vezes. É também representado como ‘Stressor’ pelo menos uma vez por todas as crianças e por cerca de metade destas entre três a sete vezes. Outras figuras são poucas vezes identificadas: ‘Irmão/Irmã’ é ‘Aliado’ por apenas 10% das crianças e ‘Stressor’ por 32% das crianças uma vez e por 32% nenhuma vez; ‘Cônjuge’ é ‘Aliado’ por 37% das crianças e ‘Stressor’ por 42% das crianças uma vez e por 32% nenhuma vez; ‘Outro’ é ‘Aliado’ por 31% das crianças e ‘Stressor’ por 37% das crianças uma vez e por 16% nenhuma vez, sendo que as restantes o identificam no máximo quatro vezes (Tabela 8).

Na amostra CV, a maioria (92%) caracteriza ‘Mãe’ como ‘Aliada’ no máximo duas vezes e todas as crianças a identificam como ‘Stressora’ pelo menos uma vez, sendo que 75% destas o faz no máximo três vezes. ‘Pai’ é caracterizado como ‘Aliado’ uma vez por 75% das crianças, e apenas 16% o faz duas ou três vezes. Como ‘Stressor’ é representado por metade das crianças entre três a cinco vezes (*Mdn* = 2). Outras figuras são também poucas vezes identificadas:

‘Irmão/Irmã’ é ‘Aliado’ por apenas 8% das crianças e ‘Stressor’ por 67% das crianças uma vez e por 25% nenhuma vez; ‘Cônjuge’ é ‘Aliado’ por 33% das crianças e ‘Stressor’ por 42% das crianças uma vez e por 33% nenhuma vez; ‘Outro’ é ‘Aliado’ por apenas 17% das crianças e ‘Stressor’ por metade das crianças uma vez e por 25% nenhuma vez (Tabela 8).

Em suma, verifica-se que:

- Todas as figuras são mencionadas mais vezes pelas crianças da amostra CN do que da amostra CV;
- Em ambas as amostras, as figuras mais referidas são as figuras parentais (‘Mãe’ e ‘Pai’);
- Em ambas as amostras, todas as figuras são caracterizadas mais vezes como ‘Stressor’ do que como ‘Aliado’. A maioria das crianças tende a caracterizar as figuras como ‘Stressor’ (ver Tabela B.5)

De uma maneira geral, em ambas as amostras, face aos conflitos identificados pelas crianças nas suas narrativas, as figuras representadas surgem a maior parte das vezes como geradoras de stress e não como fonte de suporte, consolo, compreensão e ajuda. Tal decorre da natureza dos próprios estímulos, uma vez que estimulam a identificação de conflitos e que estes envolvem necessariamente stressores; podem ou não envolver aliados.

Fronteiras

Os resultados indicam, em valores médios, um maior número de referências a ‘Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas’ na amostra CN do que na amostra CV (ver Tabela B.6), apesar de para ambas ser este o tipo de fronteiras mais referenciado.

Relativamente à tendência dominante das crianças, verifica-se assim que em ambas as amostras a tendência é para identificar ‘Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas’ (Tabela 9).

Os resultados sugerem que as crianças revelam uma percepção adequada das regras e dos limites que devem ser impostos pelos pais bem como das funções, autonomia e independência entre os diferentes subsistemas.

Tabela 9 – Tendência das ‘Fronteiras’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)		Amostra CV (<i>n</i> = 12)	
	Frequência	%	Frequência	%
Fronteiras Nítidas/Relações Equilibradas	17	90	10	83
Fronteiras Rígidas/Relações Desligadas	0	0	1	8
Sem Tendência Definida	2	10	1	8

Hierarquia Familiar

Os resultados indicam, em valores médios, um maior número de referências a hierarquia familiar ‘Congruente’ na amostra CN do que na amostra CV, apesar de ser este o tipo de hierarquia mais identificado em ambas as amostras.

Considerando a tendência dominante das crianças, verifica-se que todas tendem a identificar ‘Hierarquia Congruente’, representando assim o subsistema parental como estando numa posição de liderança em relação aos filhos e com funções claras de controlo e de proteção sobre estes.

Tabela 10 – Categoria ‘Hierarquia Familiar’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV): estatística descritiva

	Amostra CN (n = 19)				Amostra CV (n = 12)			
	Min	Máx	Mdn (FAc)*	Média (DP)	Min	Máx	Mdn (FAc)	Média (DP)
Hierarquia Familiar (Total)	3	10	7 (63%)	7.00 (1.80)	2	8	6 (58%)	5.92 (1.88)
Congruente	3	10	7 (63%)	6.84 (1.77)	2	8	5 (58%)	5.42 (1.73)
Invertida	0	1	0 (84%)	0.16 (0.38)	0	2	0 (58%)	0.50 (0.67)

Nota. *FAc = Frequências Acumuladas até à mediana.

Regulação Parental e Aceitação da Regulação

Todas as crianças do CN classificam a regulação parental como ‘Adequada’ duas ou mais vezes e, cerca de um terço, pelo menos seis vezes. Cerca de metade das crianças não apresenta quaisquer referências a regulação parental ‘Inadequada’ nas suas narrativas. Quanto à potencial resposta dos filhos face à regulação parental, todas as crianças indicam ‘Aceitação’ pelo menos uma vez e um terço refere esta categoria mais de cinco vezes. ‘Não Aceitação’ é menos referida, com apenas 26% das crianças a identificá-la mais do que uma vez e nunca mais de três. (ver Tabela B.7).

Todas as crianças do CV classificam a regulação parental como ‘Adequada’ pelo menos uma vez e metade identifica-a pelo menos quatro vezes. Apenas 8% das crianças apresenta mais do que uma referência a regulação parental ‘Inadequada’. Todas as crianças indicam ‘Aceitação’ pelo menos uma vez e 17% refere esta categoria mais de três vezes. ‘Não Aceitação’, foi identificada apenas por metade das crianças e nunca mais de quatro vezes (ver Tabela B.7).

A maior diferença entre as duas amostras encontra-se na ‘Regulação Parental Adequada’, com maior número de referências por parte das crianças do CN do que do CV.

Apesar disso, a tendência dominante das crianças é para identificar ‘Regulação Parental Adequada’ em ambas as amostras (Tabela 11), o que significa que a maioria das crianças

percepciona as práticas parentais adequadas para a regulação do comportamento dos filhos. Verifica-se também que a maioria das crianças tende a aceitar ‘Regulação Parental’ (84% na amostra CN e 83% na amostra CV).

Tabela 11 – Tendência da ‘Regulação Parental’ e da ‘Aceitação’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)		Amostra CV (<i>n</i> = 12)	
	Frequência	%	Frequência	%
Regulação Parental Adequada	18	95	11	92
Regulação Parental Inadequada	0	0	1	8
Sem Tendência de Regulação Parental Definida	1	5	0	0
Aceitação a Regulação Parental	16	84	10	83
Não Aceitação da Regulação Parental	3	16	2	17

Comunicação Verbal Familiar

Na amostra CN, comunicação verbal familiar ‘Aberta/Clara’ é identificada no máximo três vezes por cerca de metade das crianças e entre quatro a seis vezes pela outra metade (*Mdn* = 3). Comunicação verbal familiar ‘Fechada/Confusa’ é mais raramente identificada: nenhuma ou apenas uma vez por cerca de metade das crianças e entre duas a seis vezes pela outra metade (*Mdn* = 1) (ver Tabela B.8).

Na amostra CV, comunicação verbal familiar ‘Aberta/Clara’ é identificada pelo menos uma vez por todas as crianças e 25% fazem-no entre três a sete vezes. Comunicação verbal familiar ‘Fechada/Confusa’ é identificada nenhuma ou apenas uma vez por cerca de metade das crianças e entre duas a cinco vezes pela metade restante (Tabela B.8).

Os valores médios das duas amostras revelam que, apesar da categoria ‘Aberta/Clara’ ser identificada por todas as crianças da amostra CV e não por todas as da amostra CN, o número de vezes que é referida tende a ser um pouco maior na amostra CN. A comunicação ‘Fechada/Confusa’ apresenta uma frequência semelhante em ambas as amostras.

Tomando em consideração a tendência dominante das crianças de ambas as amostras, verifica-se uma predominância para comunicação ‘Aberta/Clara’. Apesar disso, 33% da amostra CV apresenta tendência para comunicação ‘Fechada/Confusa’, o que ocorre em apenas 16% da amostra CN (Tabela 12).

Tabela 12 – Tendência da ‘Comunicação Verbal’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)		Amostra CV (<i>n</i> = 12)	
	Frequência	%	Frequência	%
Comunicação Verbal Aberta/Clara	13	68	6	50
Comunicação Verbal Fechada/Confusa	3	16	4	33
Sem Tendência Definida	3	16	2	17

Assim, apesar da tendência global para identificar a comunicação verbal familiar como ‘Aberta/Clara’, é maior a percentagem de crianças da amostra CN com este comportamento. Isto sugere que estas crianças percepcionem a comunicação familiar como mais clara e explícita, com espaço para a expressão adequada de pensamentos, sentimentos e opiniões, bem como para explicitação de elogios ou reconhecimento de erros, com possibilidade de escuta ativa e troca de afectos positivos. As crianças da amostra CV tendem a percepcionar a comunicação verbal familiar como indireta, confusa e inadequada, potencialmente eivada de críticas, acusações e expressão verbal agressiva.

Clima Relacional

Todas as crianças do CN identificam um clima familiar de cariz ‘Positivo’ pelo menos uma vez e, cerca de metade, entre cinco a sete vezes. Clima familiar ‘Negativo’ é representado por todas as crianças pelo menos uma vez e cerca de um terço destas representa-o entre quatro a seis vezes. O clima relacional em outros contextos é identificado como ‘Positivo’ por apenas 21% da amostra e no máximo duas vezes. Como ‘Negativo’, é identificado por 42% das crianças nenhuma vez e também por 42% uma vez. (Ver Tabela B.9).

Todas as crianças do CN identificam um clima familiar ‘Positivo’ pelo menos uma vez e 25% destas entre quatro a sete vezes. Clima familiar ‘Negativo’ é também representado por todas as crianças pelo menos uma vez e cerca de metade representa-o entre quatro a seis vezes. O clima relacional em outros contextos é identificado como ‘Positivo’ por apenas 17% da amostra e no máximo duas vezes. Como ‘Negativo’, é identificado por apenas metade das crianças e nunca mais de duas vezes (Ver Tabela B.9).

Os valores médios revelam que, apesar de todas as crianças terem identificado pelo menos uma vez ‘Clima Familiar Positivo’, há mais referências a esta categoria na amostra CN que na amostra CV. A frequência das referências a ‘Clima Familiar Negativo’ é semelhante entre as duas amostras. O clima relacional de outros contextos foi referenciado um menor número de vezes que o clima relacional familiar em ambas as amostras.

Em relação à tendência dominante das crianças, há diferenças entre as duas amostras: na amostra CN, cerca de metade das crianças (58%) tende a representar um ‘Clima Relacional Negativo’ e cerca de um terço (37%) um ‘Clima Relacional Positivo’, ao contrário, na amostra CV, 50% das crianças representam ‘Clima Relacional Positivo’ e apenas 25% ‘Clima Relacional Negativo’ (Tabela 13).

Os resultados indicam que a tendência para caracterizar o clima relacional como ‘Positivo’ é mais frequente nas crianças da amostra CV, sugerindo que estas representem, nas suas histórias, contextos familiares ou outros contextos com um clima relacional mais positivo que as crianças da amostra CN.

Tabela 13 – Tendência do ‘Clima Relacional’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)		Amostra CV (<i>n</i> = 12)	
	Frequência	%	Frequência	%
Clima Relacional Positivo	7	37	6	50
Clima Relacional Negativo	11	58	3	25
Sem Tendência Definida	1	5	3	25

Tonalidade Emocional

Das crianças do CN, cerca de metade identifica emoções nas suas narrativas entre oito a 20 vezes e a outra metade entre 21 a 26 vezes (*Mdn* = 20). Das crianças do CV, cerca de metade identifica emoções nas suas narrativas entre oito e 18 vezes e a outra metade entre 19 e 23 vezes (*Mdn* = 18) (Tabela B.10).

Apesar de todas as crianças identificarem emoções, as crianças do CN representam, em valores médios, mais emoções no conjunto das histórias.

Relativamente ao tipo de tonalidades identificadas, 74% das crianças da amostra CN apresentam no máximo quatro referências a ‘Depressão/Tristeza’ e as restantes apresentam entre cinco a nove referências. Todas as crianças desta amostra identificam, em pelo menos uma das suas narrativas, ‘Alegria/Satisfação’, e cerca de metade da amostra fá-lo quatro ou mais vezes (*Mdn* = 3). Referências a ‘Ira/Hostilidade’ e ‘Ansiedade/Medo’ foram menos frequentes. ‘Ira/Hostilidade’ é identificada apenas por metade das crianças e no máximo três vezes. ‘Ansiedade/Medo’ é identificada por cerca de metade da amostra duas a cinco vezes, e a outra metade não a identifica ou fá-lo apenas uma vez. A categoria ‘Outras Emoções’ abrange emoções não incluídas nas categorias anteriores e é identificada por todas as crianças, pelo menos, três vezes (37% das crianças identificam-nas 10 a 15 vezes) (ver Tabela B.10).

Das crianças da amostra CV, metade apresenta no máximo três referências a ‘Depressão/Tristeza’ e as restantes apresentam entre quatro a oito referências. Todas as crianças identificam ‘Alegria/Satisfação’ em pelo menos duas das suas narrativas e um quarto destas fá-lo quatro ou mais vezes. Mais uma vez, referências a ‘Ira/Hostilidade’ e ‘Ansiedade/Medo’ foram menos frequentes. ‘Ira/Hostilidade’ é identificada por metade das crianças entre duas a quatro vezes e a outra metade não a identifica ou fá-lo apenas uma vez. ‘Ansiedade/Medo’ só é representada por 33% da amostra e nunca mais de três vezes. ‘Outras Emoções’ são identificadas por todas as crianças pelo menos três vezes (50% das crianças identificam-nas sete a 15 vezes) (ver Tabela B.10).

Assim, em relação às diferentes tonalidades emocionais identificadas em ambas as amostras verifica-se que ‘Depressão/Tristeza’ e ‘Alegria/Satisfação’ são mais frequentes que as outras categorias específicas. Apesar dos valores médios serem próximos, estes indicam que a primeira categoria foi referenciada mais vezes na amostra CN e a segunda mais vezes na amostra CV. ‘Ira/Hostilidade’ foi referenciada mais vezes pela amostra CV e ‘Ansiedade/Medo’ mais vezes pela amostra CN. A identificação de ‘Outras Emoções’ foi mais frequente na amostra CN, sugerindo que as crianças desta amostra têm uma maior facilidade em expressar emoções diversificadas.

Em relação à tendência dominante da qualidade da tonalidade emocional encontrada, verifica-se que em ambas as amostras predomina a tendência para ‘Tonalidade Emocional Negativa’, sugerindo a predominância de emoções negativas na globalidade das histórias reveladas pelas crianças de ambas as amostras.

Tabela 14 – Tendência de ‘Tonalidade Emocional’ por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV)

	Amostra CN (<i>n</i> = 19)		Amostra CV (<i>n</i> = 12)	
	Frequência	%	Frequência	%
Tonalidade Emocional Positiva	2	11	3	25
Tonalidade Emocional Negativa	17	89	6	50
Sem Tendência Definida	0	0	3	25

Categorias de Cotação Rara

Os conteúdos ou processos psicológicos raros, quando ocorrem, constituem sinais com potencial valor clínico. As categorias nestas circunstâncias são as seguintes: *Definição de Fronteiras (Fusão, Desligamento e Sistema Fechado)*, *Circularidade Disfuncional*, *Maus-tratos*, *Respostas Invulgares*, *Continuidade da História* e *Legibilidade da História Confusa*.

Na comparação entre as duas amostras, é de salientar que 32% da amostra CN apresenta mais de uma cotação rara, enquanto na amostra CV, 75% das crianças o fazem (Ver Tabela B.12). Esta diferença sugere a presença de conteúdos e processos psicológicos que se manifestam principalmente nas narrativas das crianças da amostra CV e que merecem exploração psicológica pelo valor clínico que encerram.

Tabela 15 – Categorias de Cotação Rara por amostra (Contexto de Normalidade – CN; e Contexto de Vulnerabilidade - CV): estatística descritiva

	Amostra CN (n = 19)				Amostra CV (n = 12)			
	Min	Máx	Mdn	Média (DP)	Min	Máx	Mdn	Média (DP)
Categorias de Cotação Rara	0	4	1 (68%)	1.21 (1.08)	0	23	2 (67%)	4.08 (6.17)

Resultados da TSCS:2 e do FAT

Na análise conjunta dos resultados será dada ênfase às subescalas da TSCS mais relevantes – ‘*Conceito de Si Global*’, ‘*Conceito de Si Familiar*’, ‘*Conceito de Si Académico*’ e ‘*Conceito de Si Social*’ – e às categorias globais do FAT.

Conceito de Si Global (CS Global)

Na amostra CN, há uma associação clara entre o CS Global positivo (médio e elevado) com as seguintes categorias do FAT: resolução positiva de conflitos; representação dos personagens como stressores; fronteiras nítidas e relações equilibradas; hierarquia familiar congruente; regulação parental adequada; aceitação da regulação parental; comunicação verbal familiar aberta e clara; e tonalidade emocional negativa.

A representação do conflito não tem particular associação com o CS Global, e, relativamente ao clima relacional, o clima negativo ocorre com maior frequência em crianças com CS global positivo.

Na amostra CV, não há uma associação clara entre os diferentes níveis de CS Global e diversas categorias do FAT, uma vez que o comportamento das crianças nas narrativas do FAT é independente do CS Global ser positivo (médio ou elevado) ou negativo (baixo).

O CS Global associa-se apenas a algumas categorias – caracterização da figura parental masculina, aceitação da regulação parental e qualidade da comunicação verbal familiar – da seguinte forma:

- a) as crianças com CS Global médio e inferior caracterizam a figura parental masculina como ‘Stressor’, o nível elevado está associado a uma caracterização como ‘Aliado’;

- b) as crianças com CS Global positivo (médio ou elevado) representam a aceitação da regulação parental;
- c) à medida que o nível de CS Global aumenta, aumenta também a tendência para caracterizar a comunicação como ‘Aberta/Clara’.

Conceito de Si Familiar (CS Familiar)

Em ambas as amostras, a distribuição das crianças nos níveis de CS Familiar é idêntica à que ocorre nos níveis de CS Global. Também a associação entre as medidas finais desta subescala e as diversas categorias do FAT revela muitas similaridades com o que ocorre para o CS Global. Apenas a categoria Clima Relacional se diferencia: na amostra CN, o CS Familiar positivo está associado à representação de um clima relacional também positivo; na amostra CV, os níveis de CS Familiar baixo e médio associam-se a um clima relacional negativo e o CS Familiar elevado a um clima relacional positivo.

O padrão geral de similitude nas duas amostras sugere que nestas idades haverá uma grande proximidade entre a percepção que as crianças têm de si próprias (i.e., do seu valor e competência pessoal, da sua autoestima e da sua identidade) e a percepção de si como membros de uma família. Dito de outro modo, esta semelhança revela a importância do CS Familiar na percepção global que as crianças têm de si próprias, apontando-o assim como um indicador do CS Global.

Conceito de Si Académico (CS Académico) e Conceito de Si Social (CS Social)

Na amostra CN, é clara a tendência das crianças para apresentar um CS Académico e um CS Social médio ou elevado, i.e., positivo. Se tomarmos isto em consideração, e apesar da distribuição destas crianças nos níveis de CS Académico e CS Social ser distinta à que ocorre nos níveis de CS Global, verificamos que a associação entre as medidas finais destas subescalas e as diversas categorias do FAT revela muitas similaridades com o que ocorre no CS Global.

Na amostra CV, para ambas as subescalas do Conceito de Si, o comportamento é já distinto do observado no CS Global. Não há uma associação dos CS Académico e CS Social com a generalidade das categorias do FAT, i.e., independentemente do nível do Conceito de Si, estas crianças tendem a não representar os conflitos, a encontrar resoluções negativas para os mesmos e a representar os outros de forma negativa.

Estas subescalas associam-se apenas a algumas categorias do FAT.

O CS Académico associa-se à qualidade da comunicação verbal familiar, clima relacional e tonalidade emocional – da seguinte forma:

- a) crianças com CS Académico negativo tendem a apresentar uma comunicação verbal familiar ‘Aberta/Clara’; crianças com CS Académico positivo apresentam uma maior tendência para apresentar uma comunicação ‘Fechada/Confusa’;
- b) crianças com CS Académico médio representam climas relacionais ‘Negativos’.
- c) crianças com CS Académico negativo tendem a apresentar tonalidade emocional negativa; quando o CS Académico é positivo esta tendência diminui.

O CS Social revela-se associado a algumas categorias do FAT – qualidade das resoluções de conflito, qualidade da comunicação verbal familiar, clima relacional e tonalidade emocional – da seguinte forma:

- a) crianças com níveis baixo e médio do CS Social tendem a não apresentar resoluções de conflitos ou a apresentar resoluções negativas;
- b) quanto mais elevado o nível de CS Social, maior a tendência das crianças para caracterizar a comunicação como ‘Aberta/Clara’; e menor a tendência para representar um clima relacional negativo;
- c) crianças com CS Social baixo tendem a apresentar uma tonalidade emocional negativa nas narrativas; quando o CS Social se torna positivo esta tendência diminui.

4. Discussão

Os resultados mais salientes do presente estudo permitiram identificar as principais diferenças e semelhanças ao nível do Conceito de Si e das representações de família nas duas amostras.

Conceito de Si

As crianças da amostra de normalidade revelaram capacidade para se avaliarem a si próprias de forma equilibrada e apresentam, globalmente, um Conceito de Si realista e tendencialmente positivo. Na amostra de vulnerabilidade há um padrão heterogêneo de resultados: algumas crianças apresentaram um nível de Conceito de Si claramente inferior à média, i.e., tendencialmente negativo, outras aproximam-se dos valores médios de referência.

Diversos autores têm destacado o impacto da qualidade das relações experienciadas no seio da família no desenvolvimento das representações do *self* (Cassidy, 1990), nomeadamente a influência da vivência de contextos de vulnerabilidade e de risco no desenvolvimento de representações negativas do *self* (Toth, Cicchetti, Macfie, & Emde, 1997). A instabilidade que caracteriza a vida familiar das crianças da amostra de vulnerabilidade pode, potencialmente, repercutir-se em maiores dificuldades na construção de um Conceito de Si positivo.

As diferenças são também expressivas no Conceito de Si Académico e no Social, sugerindo que as crianças em situação familiar de vulnerabilidade se percebem de forma menos positiva que as vivem em situação familiar de normalidade, especialmente no que diz respeito à sua adequação na interação social e à forma como percebem o seu valor e a sua competência no contexto escolar.

Estes dados são concordantes com a literatura que refere a importância das relações familiares no desenvolvimento de representações internas que vão, por sua vez, influenciar relações interpessoais futuras (Shields et al., 2001; Stadelmann et al., 2010). Vínculos e relações familiares fragilizadas, características de contextos familiares vulneráveis, podem contribuir para dificuldades no estabelecimento de relações pessoais saudáveis, maduras e satisfatórias. O facto da capacidade para estabelecer relações satisfatórias estar comprometida, pode ser explicativo da insatisfação revelada pelas crianças da amostra de vulnerabilidade quanto ao seu valor e adequação como indivíduos na relação com os outros.

Outra hipótese explicativa da diferença encontrada entre as amostras, ao nível do Conceito de Si Social, poderia ser o facto da amostra de vulnerabilidade ser constituída por famílias que apresentam uma rede de apoio social empobrecida face às crianças da amostra

de normalidade. No entanto, a literatura diz-nos que durante a pré-adolescência a ênfase dada à faceta social do Conceito de Si não é um reflexo do número mas sim da qualidade dos relacionamentos ao nível da intimidade e satisfação que proporcionam (Fitts & Warren, 1996).

Por outro lado, estas crianças vivem em contextos familiares onde a imprevisibilidade está muito presente e esta tem sido associada a um maior risco de desenvolver dificuldades de ajustamento escolar (Ross & Hill, 2000, 2002; cit. por Alarcão & Gaspar, 2007; Shields et al., 2001). Assim, as diferenças encontradas em relação à forma como as crianças se percebem e acreditam ser percebidas pelos outros em contexto escolar podem eventualmente estar relacionadas com dificuldades de ajustamento sentidas neste contexto específico e tal ser consequente à fragilidade do contexto familiar em que vivem.

As semelhanças encontradas entre o Conceito de Si Global e o Familiar, nas duas amostras, sugere a importância das percepções que a criança tem de si enquanto membro de uma família na definição do nível de autoestima e nível global de satisfação consigo própria. Sugere também que, nestas idades, as crianças têm necessidade de sentirem membros de uma família, de se sentirem acolhidas e de vivenciarem relações familiares satisfatórias. Esta necessidade revela-se em todas as crianças, independentemente da estabilidade ou da qualidade das vivências familiares experimentadas.

Representação de família e de vida familiar

Os dados evidenciaram que *as crianças da amostra de normalidade* nem sempre representam o conflito mas, quando o fazem, apresentam maioritariamente resoluções positivas, revelando assim a sua capacidade de encontrar estratégias eficazes para pôr termo a situações de tensão interpessoal. Nas suas narrativas, identificam agentes stressores, i.e., perante conflitos são capazes de identificar responsáveis pela tensão criada, e identificam também algumas personagens como aliadas. Em ambos os casos, as figuras parentais são as mais referenciadas e são representadas numa posição de liderança em relação aos filhos e com funções claras de controlo e de proteção. Revelam também uma percepção adequada da regulação parental, da aceitação por parte dos filhos das regras e dos limites impostos pelos pais, bem como das funções, autonomia e interdependência entre os diferentes subsistemas familiares.

Estas crianças representam também uma comunicação familiar aberta e clara, com expressão adequada de pensamentos, sentimentos e opiniões, com possibilidade de escuta ativa e troca de afetos positivos, incluindo elogios e reconhecimento de erros. Nas suas

narrativas demonstraram ter capacidade de elaboração e expressão de um leque de emoções diversificado, predominando as emoções negativas, demonstrando assim a sua capacidade para evocar e expressar emoções concordantes com a natureza das narrativas que os estímulos suscitam.

As crianças em contexto familiar de vulnerabilidade apresentam narrativas com características específicas que importa salientar.

Estas crianças têm menor capacidade para representar o conflito, o que sugere dificuldades na elaboração da tensão decorrente das relações interpessoais e de conflitos familiares. Quando os conflitos são representados, as crianças revelam dificuldades em encontrar estratégias eficazes para os ultrapassar e resolver. O facto das crianças não representarem o conflito sugere grandes dificuldades em enfrentar, expressar e elaborar problemas familiares. Estes dados acompanham o sentido da literatura que destaca o papel do ambiente e das relações familiares no desenvolvimento da capacidade da criança para enfrentar situações de desequilíbrio e de conflito (Dessen & Polonia, 2007).

Uma vez que os cartões apresentados estimulam a identificação de conflitos, é natural que, em ambas as amostras, as figuras representadas sejam maioritariamente stressoras. No entanto, enquanto na amostra de normalidade as crianças apelam a aliados, nesta amostra não surgem personagens que proporcionem apoio, consolo, compreensão e ajuda, o que sugere uma visão do mundo pouco apoiante e expectativas pouco positivas sobre o papel dos outros na sua vida. As crianças de contextos familiares de vulnerabilidade vivem relações familiares mais fragilizadas e tendencialmente mais conflituosas o que, como sugerem Stadelmann et al. (2010) e Torres e al. (2012), poderá propiciar a percepção do mundo como ameaçador e expectativas menos positivas em relação aos outros.

Tal como acontece na amostra de normalidade, estas crianças tendem a representar o subsistema parental numa posição de liderança em relação aos filhos, com funções claras de controlo, proteção e regulação sobre estes, alcançadas através de práticas parentais adequadas e aceites pelos filhos. A definição de fronteiras, i.e., as regras e os limites impostos pelos pais bem como as funções, autonomia e interdependência dos diferentes subsistemas familiares é também percecionada de forma adequada. Perguntamo-nos se esta referência a regras e limites, mesmo quando pouco presentes no dia-a-dia, como tende a ser na vida das crianças da amostra de vulnerabilidade, não será reveladora da necessidade que as crianças nestas idades apresentam de ter normas que possam orientar o seu funcionamento e comportamento.

Representar a comunicação familiar como aberta e clara é menos frequente nestas crianças, que tendem a apresentar narrativas em que predomina a comunicação fechada e

confusa, com expressão inadequada e potencialmente agressiva de pensamentos, sentimentos e opiniões, incluindo críticas, acusações e generalizações. O tipo de comunicação estabelecida entre os membros de uma família é um indicador da saúde ou disfuncionalidade na família (Dubois-Comtois & Moss, 2008), tal como acontece nos agregados familiares destas crianças.

Estas crianças mostraram ser capazes de elaborar e expressar diversas emoções, com predominância de emoções negativas. No entanto, relativamente às crianças da normalidade, verificam-se mais referências a emoções positivas e maior tonalidade positiva nas narrativas. Estes dados seguem o padrão já identificado, o de evitamento da representação de conflitos, criando narrativas onde a presença de emoções positivas é mais saliente, mesmo perante estímulos que induzem a tensão relacional.

Conceito de Si e Representação de Família

Ao cruzar a informação sobre as duas dimensões em estudo, há algumas associações a destacar na comparação do comportamento das crianças dos dois contextos.

Em ambas as amostras, para além de se verificar um paralelismo entre a forma como as crianças se percebem enquanto membros de uma família e a autoestima e satisfação global que sentem consigo próprias, como referido anteriormente, verifica-se também uma associação similar de cada uma destas dimensões com as representações de família reveladas pelas crianças nas suas narrativas. Esta associação vem reforçar a importância do Conceito de Si Familiar na percepção global que as crianças têm de si.

Como principal diferença entre as duas amostras, destacamos os resultados encontrados relativamente às associações entre o Conceito de Si Académico e Social e as diversas categorias do FAT.

Na amostra de normalidade, as associações encontradas entre as medidas finais das subescalas Conceito de Si Académico e Social e as diversas categorias do FAT são muito semelhantes às encontradas para as medidas globais do Conceito de Si. Tal sugere que as diferentes dimensões do Conceito de Si revelam um padrão consistente, harmonioso e equilibrado, e que se associam de forma convergente com as representações de família que as crianças apresentam.

Na amostra de vulnerabilidade, o paralelismo encontrado entre o Conceito de Si Global e o Conceito de Si Familiar não existe nas dimensões académica e social do Conceito de Si. Estes dados remetem para uma percepção de si pouco equilibrada e pouco harmoniosa. A forma como as crianças se percebem no contexto escolar e na interação com os outros

espelham a vulnerabilidade destas crianças, sugerindo que fora da esfera familiar estas tenham uma maior dificuldade em definir-se a si próprias. Assim, o impacto da vulnerabilidade em que vivem, no desenvolvimento do Conceito de Si, parece refletir-se principalmente não na forma como a criança se percebe no seio da sua família mas em contextos exteriores a esta.

Esta vulnerabilidade, expressa nas dimensões académica e social do Conceito de Si e nas diferenças entre as duas amostras no que toca aos valores médios destas subescalas, associa-se a comportamentos globais, também reveladores desta vulnerabilidade, nomeadamente a dificuldades na elaboração de conflitos e na apresentação de resoluções positivas para os mesmos e a expectativas negativas perante os outros.

Conclusão

O objetivo geral do estudo foi o de caracterizar a linha de desenvolvimento da individualidade, ao nível do Conceito de Si, e a linha das relações interpessoais, ao nível da representação das figuras e vida familiar, de pré-adolescentes que vivem em contextos familiares de normalidade e de vulnerabilidade. Interessava-nos particularmente responder à questão relativa à influência das vivências familiares na construção do Conceito de Si em pré-adolescentes.

Para tal, foram estudadas duas amostras, uma de pré-adolescentes que vivem em contexto familiar de normalidade e outra de pré-adolescentes que vivem em contexto familiar de vulnerabilidade, recorrendo a dois instrumentos: *Tennessee Self Concept Scale 2 (TSCS:2)* e *Family Apperception Test (FAT)*.

As conclusões mais importantes deste trabalho são relativas à diferenciação do comportamento das crianças das duas amostras em estudo.

Concretamente, as crianças que vivem em contextos familiares de vulnerabilidade revelam maiores dificuldades em abordar e elaborar conflitos, em encontrar resoluções positivas para os mesmos e em desenvolver expectativas positivas perante estes, no sentido de poder contar com aliados. Estas crianças apresentam também, quando comparadas com as crianças da amostra de normalidade, um Conceito de Si menos positivo, menor autoestima e menor sentido de adequação na interação social.

As diferenças encontradas entre as duas amostras sugerem uma relação entre os contextos familiares e a percepção pessoal: um Conceito de Si realista e satisfatório, surge associado a contextos familiares adequados e relações familiares estáveis; um Conceito de Si realista e tendencialmente negativo, surge associado a contextos familiares vulneráveis caracterizados por dificuldades relacionais familiares.

Como anteriormente referido, S. Blatt considera que as duas linhas de desenvolvimento psicológico, a individualidade e o relacionamento interpessoal, interagem de forma recíproca e contínua. Neste sentido, os dados obtidos sugerem que em cada uma das amostras existe um equilíbrio entre as duas linhas de desenvolvimento, apesar de num caso serem ambas tendencialmente positivas, e portanto desenvolvidas provavelmente de forma mais adaptativa e saudável, e noutra as duas linhas tendencialmente negativas, revelando dificuldades no percurso de desenvolvimento.

Limitações da investigação

Como limitação da presente investigação destacamos, em primeiro lugar, a reduzida dimensão das amostras em estudo, bem como a diversidade das características sociodemográficas em cada uma delas e entre elas.

Em relação à amostra de vulnerabilidade, as situações de vulnerabilidade presentes são diversas e comportam inúmeras especificidades e, muito provavelmente, com diferente impacto no curso de desenvolvimento psicossocial das crianças, o qual só poderá ser considerado em estudos qualitativos e longitudinais. Também o facto de 83% das crianças da amostra de vulnerabilidade beneficiar de acompanhamento psicológico prolongado não será alheio aos resultados obtidos; o efeito positivo das intervenções clínicas poderá, porventura, minimizar o impacto das dificuldades psicológicas que estas crianças têm vindo a enfrentar.

Os critérios de conveniência e de proximidade usados para a recolha da amostra de normalidade poderão também ter influenciado os resultados obtidos, designadamente por via do efeito de desejabilidade social.

Importa referir ainda, como limitação deste estudo, as dificuldades de codificação da prova *Family Apperception Test*, que foram minimizadas pela procura de acordo interavaliadores.

Implicações para a prática clínica

Os resultados encontrados permitem reforçar a ideia de que a família é a matriz de desenvolvimento psicossocial da criança. A perceção que a criança tem da sua família bem como os sentimentos de adequação e integração na mesma vão ter um papel essencial no desenvolvimento, nomeadamente ao nível de um Conceito de Si integrado e positivo.

Partindo desta premissa, compreende-se a grande necessidade de intervir com famílias que vivem em contextos de vulnerabilidade, promovendo fatores de proteção, de forma a permitir o desenvolvimento dos seus membros, principalmente daqueles que se encontram em plena fase de crescimento e que serão mais afetados por uma vivência familiar disfuncional.

Intervenções no sentido de ajudar a desbloquear a expressão e vivência emocional, desbloquear canais de elaboração de conflito ou ensinar e promover estratégias de resolução de problemas positivas podem ser intervenções necessárias ao bom funcionamento e desenvolvimento psicológico da criança, para além de poderem também contribuir para uma maior eficácia das intervenções familiares.

Para além de intervenções diretas junto das crianças, programas de desenvolvimento de competências parentais e de promoção de comportamentos parentais positivos, por exemplo,

poderão ser um bom ponto de partida para um funcionamento familiar mais saudável que permita à criança a experiência de relações positivas no seio da família.

Investigações Futuras

No sentido das limitações apontadas anteriormente, penso que seria interessante replicar o estudo com amostras de maior dimensão e com um maior equilíbrio das características sociodemográficas, em cada amostra e entre si.

As situações de vulnerabilidade vividas pelas crianças participantes neste estudo apresentam especificidades muito distintas e o seu impacto no desenvolvimento psicossocial será certamente também distinto. Por exemplo, o impacto de não ter um progenitor presente ao longo do crescimento será seguramente diferente do impacto de crescer numa família onde as relações familiares são pautadas por conflitos e agressividade. Neste sentido, seria interessante a condução de estudos de caso de crianças que: vivem situações de patologia familiar; experimentam relações familiares conflituosas; são vítimas de negligência, abandono ou ausência prolongada por parte dos progenitores.

Como salientado por Torres et al. (2012), o caminho através do qual é desenvolvido um *self* relacional seguro num contexto de relações primárias inseguras ou vulneráveis continua sem ser verdadeiramente compreendido, apesar de muitas pessoas continuarem a ser capazes de o fazer, escapando das consequências negativas do risco e da vulnerabilidade (Pesce et al., 2004). Neste sentido, penso que seria proveitoso estudar o comportamento de crianças que vivem em contextos familiares vulneráveis e que são capazes de se desenvolver de forma saudável, tentando encontrar os factores de protecção, individuais e do meio, que contribuam para trajetórias adaptativas.

Uma vez que este é ainda um dos primeiros estudos com o FAT na população portuguesa, penso que seria importante que futuras investigações se debruçassem sobre os problemas de operacionalização levantados por algumas categorias do teste que não foram utilizados no presente estudo.

Referências

- Alarcão, M. (2000). *(des) Equilíbrios Familiares* (2nd ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), 89–102.
- Aldgate, J., & Jones, D. (2006). The place of attachment in children's development. In J. Aldgate, D. Jones, W. Rose, & C. Jeffery (Eds.), *The Developing World of the Child* (pp. 67–97). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Auerbach, J. S., & Blatt, S. J. (1996). Self-representation in severe psychopathology: The role of reflexive self-awareness. *Psychoanalytic Psychology*, 13(3), 297–341.
- Baptista, A., Novo, R. F., & Narciso, I. (2013). *Teste de Aperceção Familiar: Manual*. Lisboa.
- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 1(XXVII), 21–31.
- Blasco, F. R., Merino, A. M., Amenós, C. C., & Martínez, M. A. (2007). Violencia familiar, la percepcion del conflicto entre padres e hijos. *Anuário de Psicologia Jurídica*, 17, 153–163.
- Blatt, S. J. (2011). Two Configurations of Personality. In C. Piers (Ed.), *Personality and Psychopathology* (pp. 69–98). Springer.
- Blatt, S. J., & Homann, E. (1992). Parent-child interaction in the etiology of dependent and self-critical depression. *Clinical Psychology Review*, 12(1), 47–91.
- Blatt, S. J., & Levy, K. N. (2003). Attachment Theory, Psychoanalysis, Personality Development, and Psychopathology. *Psychoanalytic Inquiry*, 23, 102–150.
- Cassidy, J. (1990). Theoretical and Methodological Considerations in the Study of Attachment and the Self in Young Children. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: theory, research, and intervention* (pp. 87–119). Chicago: The University of Chicago Press.
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d.). Promoção e Proteção dos Direitos das Crianças: guia de orientações para os profissionais de saúde na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo. Consultado em http://www.cnpejr.pt/preview_documentos.asp?r=3968&m=PDF a 4 de Julho de 2015.
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d.). Conceito de

- Risco/Perigo. Consultado em <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?13.02> a 4 de Julho de 2015.
- Cummings, M. E., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 43(1), 31–63.
- Damon, W., & Hart, D. (1982). The Development of Self-Understanding from Infancy through Adolescence. *Child Development*, 53(4), 841–864.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. da C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21–32.
- Dubois-Comtois, K., & Moss, E. (2008). Beyond the dyad: do family interactions influencia children's attachment representations in middle childhood? *Attachment & Human Development*, 10(4), 415–431.
- Egeland, B., & Carlson, E. A. (2004). Attachment and Psychopathology. In L. Atkinson & S. Goldberg (Eds.), *Attachment Issues in Psychopathology and Intervention* (pp. 27–48). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Erikson, E. H. (1959). *Identity and the life cycle: selected papers*. New York: International Universities Press.
- Fitts, W. H., & Warren, W. L. (1996). *Tennessee Self-Concept Scale* (2nd ed.). Western Psychological Services.
- Fontaine, A. M., Campos, B. P., & Musitu, G. (1992). Percepção das Interações Familiares e Conceito de Si Próprio na Adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 69–78.
- Gatinho, A. R. (2012). *O Modelo Interno Dinâmico do Self e a Qualidade das Representações de Vinculação em Crianças de Idade Pré-Escolar*. ISPA.
- Gray, J., & Gray, J. (2001). The Framework for the Assessment of Children in Need and Their Families. *Child and Adolescent Mental Health*, 6(1), 4–10.
- Jacobs, J. E., Lanza, S., Osgood, D. W., Eccles, J. S., & Wigfield, A. (2002). Changes in Children's Self-Competence and Values: Gender and Domain Differences across Grades One through Twelve. *Child Development*, 73(2), 509–527.
- Janczura, R. (2012). Risco ou vulnerabilidade social? *Textos & Contextos*, II(2), 301–308.
- Labouvie-Vief, G., Chiodo, L. M., Goguen, L. a, Diehl, M., & Orwoll, L. (1995). Representations of self across the life span. *Psychology and Aging*, 10(3), 404–415.
- Melo, A. T. de, & Alarcão, M. (2009). Centros de apoio familiar e aconselhamento parental: proposta de um modelo global de organização. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 55–64.
- Mourão, B., & Novo, R. F. (2008). Quem Sou? Como Sou? A autoavaliação em crianças jovens. *INFAD Revista de Psicologia E International Journal of Developmental and*

- Educational Psychology*, 1, 163–174.
- Novo, R. F. (2000). *Para Além da Eudaimonia. O Bem-Estar Psicológico em Mulheres na Idade Adulta Avançada*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Novo, R. F., & Silva, D. (2003). O Conceito de Si em Adultos Idosos: Análise das características reveladas ao nível da auto-avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, 15(1), 121–158.
- Nunes, A. (2011). *Conceito de si e alterações emocionais em adolescentes*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *O Mundo da Criança: da infância à adolescência* (11th ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Pendry, P., & Adam, E. K. (2013). Child-Related Interparental Conflict in Infancy Predicts Child Cognitive Functioning in a Nationally Representative Sample. *Journal of Child and Family Studies*, 22(4), 502–515.
- Pereira, P. M. (2012). Guião de Conceptualização de Caso de Crianças (6-11 anos) em Situação de Perigo. In *Crianças em Risco e Perigo - Contexto, Investigação e Intervenção - Vol. 2* (1st ed., pp. 104–137). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, S. F. N. (2010). Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. de v. C. de. (2004). Risco e Protecção: Em Busca de Um Equilíbrio Promotor de Resiliência. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 20(2), 135–143.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família* (3rd ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Reyes, A. D. L., Thomas, S. A., Swan, A. J., Ehrlich, K. B., Reynolds, E. K., Suarez, L., Pabón, S. C. (2012). “It Depends on What You Mean by ‘Disagree’”: Differences between Parent and Child Perceptions of Parent-Child Conflict. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 34, 293–307.
- Shahar, G., Henrich, C. C., Blatt, S. J., Ryan, R., & Little, T. D. (2003). Interpersonal relatedness, self-definition, and their motivational orientation during adolescence: a theoretical and empirical integration. *Developmental Psychology*, 39(3), 470–483.
- Shields, A., Ryan, R. M., & Cicchetti, D. (2001). Narrative Representations of Caregivers and Emotion Dysregulation as Predictors of Maltreated Children’s Rejection by Peers. *Developmental Psychology*, 37(3), 321–337.
- Sierra, V. M., & Mesquita, W. A. (2006). Vulnerabilidades e factores de risco na vida de

- crianças e adolescentes. *São Paulo Em Perspectiva*, 20(1), 148–155.
- Silva, I. G., & Santos, A. J. (2011). Qualidade da vinculação e modelo interno de funcionamento do Self, em crianças vítimas de queimaduras, 85–93.
- Soares, I. (2006). Contributos da investigação sobre a vinculação em Portugal. *Psicologia*, 20(1), 5–9.
- Sotile, W., Julian III, A., Henry, S., & Sotile, M. (1999). *Family Apperception Test: Manuel*. Paris: Centre de Psychologie Appliquée.
- Sroufe, L. A., Coffino, B., & Carlson, E. a. (2011). Conceptualizing the Role of Early Experience: Lessons from the Minnesota Longitudinal Study, 30(1), 36–51.
- Stadelmann, S., Perren, S., Groeben, M., & Von Klitzing, K. (2010). Parental Separation and Children's Behavioral/Emotional Problems: The Impact of Parental Representations and Family Conflict. *Family Process*, 49(1), 92–108.
- Stadelmann, S., Perren, S., Von Wyl, A., & Von Klitzing, K. (2007). Associations between family relationships and symptoms/strengths at kindergarten age: What is the role of children's parental representations? *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 48(10), 996–1004.
- Torres, N., Maia, J., Veríssimo, M., Fernandes, M., & Silva, F. (2012). Attachment Security Representations in Institutionalized Children and Children Living with Their Families: Links to Problem Behaviour. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 19, 25–36.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in the narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology*, 9(4), 781–796.
- Wright, M. O., Masten, A. S., & Narayan, A. J. (2013). Resilience Processes in Development: Four Waves of Research on Positive Adaptation in the Context of Adversity. In S. Goldstein & R. B. Brooks (Eds.), *Handbook of Resilience in Children* (2nd ed., pp. 15–37). Springer.
- Yazici, Z., & Tastepe, T. (2013). Relationship between family environment perception of parents and children's self concept perception. *International Journal of Human Sciences*, 10(2).

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A construção de Si no seio da família

Percepções de pré-adolescentes

APÊNDICES E ANEXOS

Mafalda Bettencourt da Camara de Magalhães Ramalho Pinto Basto

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A construção de Si no seio da família

Percepções de pré-adolescentes

APÊNDICES E ANEXOS

Mafalda Bettencourt da Camara de Magalhães Ramalho Pinto Basto

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)

2015

Apêndices

Apêndice A – Consentimento Informado

Apêndice B – Family Apperception Test (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Anexos

Anexo A – Tennessee Self-Concept Scale:2 (Descrição detalhada das subescalas)

Anexo B – Apresentação dos Resultados Discriminados

APÊNDICES

Apêndice A – Consentimento Informado

Consentimento Informado

A investigação para a qual apelamos à sua colaboração está a ser realizada pela psicóloga Andreia Baptista, no âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sobre a temática “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”. A investigação de doutoramento é orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso e pela Professora Doutora Rosa Novo da FPUL.

Pretende-se, com esta investigação, analisar e compreender, no contexto sociocultural português, indicadores de adaptação das crianças – designadamente, bem-estar emocional, padrões de vinculação e capacidades e dificuldades -, bem como potenciais fatores influentes nos padrões adaptativos e relacionais, comuns e diferenciais a duas situações não normativas de vulnerabilidade – sinalização e institucionalização.

A investigação na área da Psicologia contribui para um melhor conhecimento de determinadas populações e grupos com vista à estruturação de intervenções mais eficazes junto das mesmas. Assim, realçamos que a sua participação é de extrema importância, constituindo um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre esta temática para que no futuro se possa vir a prestar uma ajuda mais eficaz.

Solicitamos a sua autorização para a participação do(s) seu(s) filho(s)/menor(es) a seu cargo, caso tenha(m) idade(s) compreendida(s) entre os 6 e os 12 anos. A participação das crianças implica a gravação em áudio das duas sessões de aplicação do protocolo de investigação, as quais têm uma duração de cerca de 50 minutos.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para a criança, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejar, sem que daí resulte qualquer prejuízo para si ou para o(s) seu(s) filho(s). Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos e serão tratados de forma global e não individualizada.

A participação nesta investigação implica a resposta a um conjunto de instrumentos de avaliação indispensáveis para atingir os objetivos da mesma.

Poderá esclarecer as suas dúvidas sobre a investigação quer no momento da sua participação quer através do endereço de e-mail: amclbaptista@gmail.com. Poderá recorrer

ao mesmo endereço eletrónico, caso queira mais tarde obter informação sobre os resultados globais desta investigação

Grata pela sua atenção,

A investigadora,

Andreia Baptista

Nº ID: _____

Consentimento Informado

Para os devidos efeitos declaro que autorizo o(s) meu(s) filho(s)/)/menor(es) a meu cargo a participar na investigação no âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa com a temática “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”.

O Encarregado de Educação,

Data ___/___/_____

Apêndice B - Family Apperception Test (Categorias Complementares utilizadas na Investigação)

Teste de Apercepção Familiar

OUTRAS CATEGORIAS⁶: Definições e Exemplos

CLIMA RELACIONAL

Relativo à percepção positiva vs. negativa das relações familiares e das relações entre outras personagens das narrativas. Em ambos os casos, o clima relacional pode ser categorizado como Positivo ou Negativo. Se a narrativa não permitir uma avaliação da positividade vs. negatividade do clima relacional, será codificado na categoria “Não se aplica” (em clima relacional familiar-não se aplica e em clima relacional com outros- não se aplica).

CLIMA RELACIONAL POSITIVO

Considera-se “clima relacional familiar positivo” ou “clima relacional positivo com outros” sempre que a narrativa revela predominantemente indicadores de positividade relacional – e.g., suporte emocional (validação, empatia, compreensão, preocupação/cuidado com as necessidades dos outros, apoio, disponibilidade/responsividade), confiança nos outros, coesão/união, expressão de afetos positivos, sentimentos positivos (e.g. alegria, bem-estar, tranquilidade) associados aos outros ou à relação, flexibilidade, cooperação, comunicação assertiva, resolução construtiva de conflitos.

CLIMA RELACIONAL NEGATIVO

Considera-se clima relacional familiar negativo ou clima relacional com outros sempre que a narrativa revela predominantemente indicadores de negatividade relacional – e.g., ausência de suporte emocional em situações em que tal seria esperado ou necessário (ausência de validação, de empatia, de compreensão, de preocupação/cuidado com as necessidades dos outros, de apoio, de disponibilidade/responsividade, etc.), desconfiança dos outros, distanciamento emocional, rigidez, rejeição, expressão de afetos negativos, sentimentos negativos (raiva, medo, aversão, tristeza) associados aos outros ou à relação, comunicação agressiva.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR

⁶ Categorias complementares às do Sistema Francês; categorias listadas na segunda parte da Folha de Cotação.

Codifica-se sempre que na narrativa há elementos relativos à qualidade da comunicação verbal na família. Se a narrativa não incluir interações familiares que permitam a avaliação da positividade vs. negatividade da comunicação verbal, será codificado na categoria “Não se aplica”.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR POSITIVA

Comunicação caracterizada por: expressão clara, aberta, direta e/ou adequada de pensamentos, opiniões e sentimentos; escuta ativa; expressões de afeto positivo na interação entre as personagens; reconhecimento explícito de erros; explicitação de elogios/agradecimentos; pedidos explícitos de ajuda.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR NEGATIVA

Comunicação caracterizada por: expressão indireta/camuflada, confusa, e/ou inadequada de pensamentos, opiniões e sentimentos; generalizações (e.g. “tu és sempre assim”, “nunca fazes nada direito”); críticas globais/vagas; sarcasmo/ironia; expressão verbal ofensiva/agressiva; escalada simétrica do conflito; acusações; paradoxos; não-escuta ou pseudoescuta.

COMUNICAÇÃO VERBAL FAMILIAR - NÃO SE APLICA

Quando a narrativa não inclui interações familiares que permitam a avaliação da positividade vs. negatividade da comunicação verbal.

HIERARQUIA FAMILIAR

Relativo à funcionalidade vs. disfuncionalidade da hierarquia familiar. A hierarquia funcional, designada por congruente, implica que o subsistema parental esteja numa posição “superior”, liderando a família; a disfuncionalidade da hierarquia corresponde a um sistema familiar em que o subsistema parental está numa posição “inferior” e o subsistema filial numa posição “inferior” – hierarquia invertida.

HIERARQUIA FAMILIAR CONGRUENTE

As figuras parentais ocupam uma posição de liderança, com funções claras de controlo e/ou proteção dos filhos.

HIERARQUIA FAMILIAR INVERTIDA

Os filhos ocupam uma posição de liderança, assumindo o controlo ou a proteção dos pais sem que estes reponham a hierarquia congruente.

FRONTEIRAS

Refere-se a regras ou limites que permitem regular a passagem de informação entre a família e o meio e entre os diferentes subsistemas familiares. Definem quem participa e como nos subsistemas, e visam proteger a diferenciação do sistema, subsistemas e dos seus membros, regulando as interações e possibilitando um funcionamento eficaz. Se a narrativa não permitir uma avaliação do tipo de fronteiras familiares, será codificado na categoria “Não se aplica”.

FRONTEIRAS NÍTIDAS/RELAÇÕES EQUILIBRADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de diferenciação entre os subsistemas e/ou indivíduos, revelando uma distinção adequada ao nível das funções, regras claras, autonomia, interindependência e interinfluência entre os seus membros.

FRONTEIRAS DIFUSAS/RELAÇÕES EMARANHADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de: fraca diferenciação entre os subsistemas e/ou indivíduos, revelando funções indiferenciadas, regras inexistentes ou pouco claras, superenvolvimento, dependência, fraca autonomia e hiper-reactividade interpessoal entre os seus membros.

FRONTEIRAS RÍGIDAS/RELAÇÕES DESLIGADAS

Sempre que, na narrativa, surgem indicadores de: excessivo/inadequado distanciamento emocional e/ou independência, inflexibilidade ao nível de funções e regras, fraca interação.

FRONTEIRAS - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da positividade vs. negatividade do clima relacional familiar.

REGULAÇÃO PARENTAL

Refere-se à adequação vs. inadequação das práticas parentais, ou seja comportamentos específicos das figuras parentais, com o objetivo de regular o comportamento dos filhos, e, ainda, à aceitação vs. não aceitação pelos filhos da regulação parental. Se a narrativa não permitir uma avaliação da adequação da regulação parental e da aceitação da regulação pelos filhos, será codificado, respetivamente, nas categorias “Regulação Parental – Não se Aplica” e “Aceitação da Regulação Parental – Não se Aplica”.

REGULAÇÃO PARENTAL ADEQUADA

Práticas parentais pautadas por: afeto positivo (suporte, atenção, disponibilidade, compreensão, expressões de afeto, tom emocional positivo, respostas adequadas às necessidades da criança); controlo comportamental indutivo (tentativa de conseguir a

obediência voluntária da criança através do diálogo) e coercivo sem punição física (privação de objetos materiais ou de privilégios).

REGULAÇÃO PARENTAL INADEQUADA

Práticas parentais pautadas por: afeto negativo (hostilidade/agressão, indiferença/negligência); controlo comportamental coercivo com punição física; controlo psicológico (cognitivo - constrangimento da expressão verbal e individual do filho; emocional - retirada de amor e manipulação de sentimentos, tais como, indução de culpa, vergonha, ansiedade, desqualificação de sentimentos, etc.; e comportamental - exclusão da criança de influências e oportunidades externas que constituem pontos nodais do seu desenvolvimento social.

REGULAÇÃO PARENTAL – ACEITAÇÃO

Aceitação por parte da criança do comportamento regulador dos pais.

REGULAÇÃO PARENTAL – NÃO ACEITAÇÃO

Não aceitação por parte da criança do comportamento regulador dos pais.

REGULAÇÃO PARENTAL - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da adequação da regulação parental.

ACEITAÇÃO DA REGULAÇÃO PARENTAL - NÃO SE APLICA

Se a narrativa não permite a avaliação da aceitação da regulação parental pelos filhos.

LEGIBILIDADE DA HISTÓRIA

Refere-se ao nível de clareza da narrativa que é transmitida.

HISTÓRIA CLARA

Quando as histórias são narradas de modo lógico e próximo do entendível ao nível do senso comum; identificação, mesmo que breve, dos personagens e das suas intenções, motivações, sentimentos ou comportamentos; hesitações ultrapassadas pela tomada de decisão sobre o curso da história.

HISTÓRIA CONFUSA

Quando há tendência geral à restrição associada a narrativa hermética; anonimato das personagens, conflitos ou motivos não expressos; instabilidade nas identificações, grandes hesitações sobre o sexo ou o papel dos personagens; representações muito contrastadas ou mudanças incompreensíveis no curso da história.

ANEXOS